

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Caio Roberto Balieiro e Silva

**MICROESPAÇO:
COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO
NO CIBERESPAÇO**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC/SP

Caio Roberto Balieiro e Silva

**MICROESPAÇO:
COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO
NO CIBERESPAÇO**

MESTRADO EM COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em Comunicação e Semiótica, área de concentração: Signo e Significação nas Mídias, sob a orientação da Profa. Dra. Lucia Isaltina Clemente Leão.

SÃO PAULO

2011

Banca Examinadora

.....

.....

.....

Dedico este trabalho aos meus pais, por sempre me incentivarem a seguir em frente e buscar o meu caminho, à Aletéia, pelo carinho e compreensão durante todo o processo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço o apoio e incentivo recebido pelos professores do programa de Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Em especial ao da minha orientadora Prof. Dra. Lucia Leão por me ensinar o que é um trabalho acadêmico.

Agradeço ao Prof. Dr. Roberto Chiachiri e ao Prof. Dr. Jorge Vieira pela presença na banca e pelo incentivo dado durante o todo o curso.

Agradeço à Capes pelo apoio financeiro destinado a esta pesquisa.

RESUMO

O fenômeno das redes sociais não é algo novo. Desde os primórdios da BBS (*Bulletin Board System*), por volta de 1978, as pessoas conectam-se à rede, para se comunicar e expor ideias, tratar de fatos e curiosidades do cotidiano, criar, fazer-se ouvir e sentir-se parte de uma comunidade, em uma plataforma democrática. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a natureza comunicacional do *Twitter*, abordando as relações existentes nas trocas de mensagens entre seus usuários.

A pesquisa organiza-se em três partes. A primeira trata da definição de microespaço, resgatando formas primitivas de comunicação, limitadas pelo meio, chegando então ao primeiro invento de comunicação de massa, o telégrafo. Em seguida, apresenta-se o conceito de microespaço em relação ao de ciberespaço proposto por *Lévy* e reflete-se sobre o indivíduo e o seu interesse em se agrupar, conforme proposição de *Maffesoli*. A segunda parte deste estudo discute as poéticas do ciberespaço, retomando a definição de microespaço, agora em outros meios de comunicação, como, por exemplo, os *haikais* (Campos). Ainda nesta segunda parte, a pesquisa navega pelo ciberespaço, através da cultura das mídias (Santaella), dos labirintos da rede (Leão), das traduções (Plaza) e aporta nas redes sociais (Rheingold), com recorte no *Twitter*. Por meio da coleta de material, este estudo expõe a natureza e o objetivo da comunicação encontrados no microespaço. Por fim, a terceira parte apresenta as características da comunicação em rede (Flusser e Shannon), os processos de conhecimento e aprendizagem que esta comunicação é capaz de gerar (Piaget e Freire) e propõe um debate sobre conhecimentos amplo e restrito (Morin). As conclusões deste trabalho poderão colaborar para a identificação do pensamento crítico difundido na rede, demonstrando como este pensamento navega no ciberespaço e é traduzido em novas ideias e sentidos.

Palavras-chave: Comunicação; Microespaço; Processos de Criação nas Mídias; Redes Sociais; *Twitter*.

ABSTRACT

Social net phenomenon is not new. Since the beginning of BBS (Bulletin Board System), around 1978, people connects to internet to communicate, talk about curiosities and *fait divers*, create, are listened and feel part of a community, in a democratic platform. This study aims at analyzing the communicational nature of Twitter, approaching the relationships that can be found in messages exchanges between its members.

This study is organized in three parts. The first one begins with the definition of microspace, recovering primitive ways of communication, limited by the environment, evolving to the first mass communication invention, the telegraph. Then, this study introduces the definition of microspace related to cyberspace's concepts proposed by *Lévy* and approaches the individual interest on herding, as *Maffesoli* said. The second part is about the poetics of cyberspace, redeeming the definition of microspace, now in other media, such as the *haikais* (Campos). The study sails in the cyberspace, through media culture (Santaella), net's labyrinth (Leão), translations (Plaza) and it docks in social nets (Rheingold), focusing on Twitter. Throughout the collection of material, this study exposes the communication's nature and objective found in microspace. At last, the third part presents the characteristics of net communication (Flusser and Shannon), the process of knowledge and learning generated by this kind of communication (Piaget e Freire) and it proposes a discussion on broad and restrict knowledge (Morin). The conclusions of this study may contribute to the identification of the critical thought spread through the net, exposing how this thought sails in the cyberspace and is translated in new ideas and senses.

Keywords:

Communication; Media's Creation Process; Microspace; Social Net; *Twitter*.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	01
1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MICROESPAÇO	05
1.1. O microespaço na era de Morse	05
1.2. De Morse a Barlow – Ciberespaço	11
1.3. O microespaço no ciberespaço	16
1.4. O ser solitário. O ser em grupo	20
2. POÉTICAS DO MICROESPAÇO	24
2.1. Atirar no micro para acertar o macro	24
2.2. Navegando no ciberespaço	31
2.3. Ser ou não ser	34
2.4. O <i>Twitter</i> e as manifestações de inteligência coletiva	45
3. COGNIÇÃO NA REDE	53
3.1. Comunicar	53
3.2. Informar, conhecer, aprender	57
3.3. $0 + 0 = 1$	68
CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
REFERENCIAS BIBILOGRAFICAS	75

LISTA DE FIGURAS

Ilustração 1: Sinal de Fumaça, Frederic Remington (sem data)	06
Ilustração 2: Tribo Africana com tambores, English School (1890)	06
Ilustração 3: Modelo de Telegrama	10
Ilustração 4: Imagens de interface de telefone celular ilustrando um SMS, Laurence Dutton (sem data)	14
Ilustração 5: Comunidade Virtual. <i>Twitter</i>	16
Ilustração 6: <i>Twitter</i> com <i>link</i> direcionador	18
Ilustração 7: <i>O âmago do ômega</i> , Haroldo de Campos (sem data)	29
Ilustração 8: Imagem do perfil de Rafinha Bastos (@RAFINHAbastos)	40
Ilustração 9: Imagem do perfil de Ivete Sangalo (@Ivetesangalo)	42
Ilustração 10: Imagem da página no <i>Twitter</i> do livro @re_vira_volta	43
Ilustração 11: Logo e imagens do projeto Guaraná Power criado pelo grupo dinamarquês <i>Superflex</i> , em parceria com produtores amazonenses	48
Ilustração 12: Imagem de perfil de @andrelemos em conversa com @mateusmr	61
Ilustração 13: Imagem do perfil @BarackObama, com mais de 9 milhões de seguidores	62
Ilustração 14: Imagem da <i>hashtag</i> #tedexpelourinho	62

INTRODUÇÃO

Após 113 anos da invenção do telefone, no dia 3 de abril de 1973, em Nova Iorque, ocorreu a histórica primeira ligação de um celular, realizada por Martin Cooper, um gerente da empresa norte-americana *Motorola*. O aparelho, muito prosaico, tinha 25 cm de comprimento e 7 cm de largura, além de pesar cerca de um quilo. Em julho de 1992, o engenheiro Neil Papworth enviou, através do computador, um torpedo ao celular de um colega, desejando-lhe um “Feliz Natal”. No final do mesmo ano, Riku Pihkonen, estagiário da finlandesa *Nokia*, enviou, de seu celular, uma mensagem para outro celular. Nascia assim o SMS (*Short Message Service*).

A presente pesquisa de dissertação de mestrado tem início com o SMS. Idealizado em 1992 e em operação desde 2006, o *Twitter* virou o fenômeno da internet mundial. Depois dos *blogs* -- páginas da *web* com conteúdo dinâmico que permitem uma rápida atualização, muito utilizados como diários virtuais onde o usuário descreve através de *posts* (notas) o seu cotidiano --, o *Twitter* inicia uma nova modalidade de ambiente comunicacional, denominado *microblog*. Dinâmico como os já conhecidos *blogs*, o *Twitter* agrega em si a convergência de meios, na medida em que permite aos usuários conectarem-se por meio de mensagens enviadas pela rede de celular, via SMS, mensageiro instantâneo, *e-mail* (correio eletrônico), *mp3* ou pela *web*. Em razão das restrições de alguns aparelhos celulares, que comportam apenas 160 caracteres para envio das mensagens, o *Twitter* nasceu com esta característica: 20 caracteres para o nome do usuário e 140 para a mensagem.

Ao se cadastrar no *Twitter*, o usuário está habilitado a publicar seus comentários, que devem necessariamente se encaixar no espaço de 140 caracteres. Todas as pessoas que têm este determinado usuário cadastrado em seus perfis recebem, automaticamente, os comentários por ele publicados, em suas páginas principais. O *Twitter* proporciona a quem o utiliza a sensação de estar sempre informado. Cada nova informação divulgada por qualquer um de seus contatos aparece instantaneamente. A ferramenta que nasceu, e ainda permanece, com a

pergunta principal “o que você está fazendo?”, permite inúmeras possibilidades de comentários. As pessoas tratam de fatos relacionados as suas vidas, de seus sonhados roteiros de viagem de férias, do trabalho cotidiano e dos assuntos que lhes convier. O então candidato à presidência dos Estados Unidos, Barack Obama, utilizou a ferramenta para divulgar seu plano de governo, comícios e eventos de campanha. Já como presidente, manteve a ferramenta para informar a população sobre o andamento de seu governo. Com o *Twitter*, o cidadão pode acompanhar o dia a dia do governo norte-americano, pelas palavras do presidente. Grandes empresas enxergam nesta ferramenta uma forma de se aproximar de seus consumidores e divulgar ideias, apresentar produtos e, até mesmo, efetuar atendimento ao consumidor, caso da norte-americana de aviação *Jetblue*, que monitora as menções feitas à companhia nos *posts*, respondendo assim diretamente aos seus clientes.

Transmitir uma mensagem, que pode dizer muito sobre qualquer assunto, em apenas 140 caracteres parece difícil, principalmente, quando você não tem o artifício gráfico como suporte à comunicação. No *Twitter* em sua versão padrão, presente no ciberespaço, o texto é puro, sem imagens, cores ou formas. O significado da mensagem é diretamente condicionado ao texto escrito.

Nesse ambiente, as pessoas passam a querer a instantaneidade da comunicação oferecida pelo meio, podendo colocar seu pensamento na hora, feito um bloco de notas ou um caderno de rascunhos, sem amarras e/ou julgamentos de percepção. Em um cenário no qual milhões de usuários *postam* (termo utilizado para a ação de publicar um texto nos *blogs* e no *Twitter*) seus pensamentos e percepções, o processo de produção de conhecimento passa a ser feito de uma forma sem precedentes. Este processo e a busca do conhecimento para criação futura, facilitado pelo acesso que a *WWW* proporciona, começam a ser explorados como forma de acúmulo de riqueza, por meio de outros mecanismos (sítios), os quais têm como função capturar o imediatismo inerente ao ser humano, só que aqui, no ato da busca pelo conhecimento na rede. Neste ponto, entram outras formas de microespaços, a exemplo dos *links* patrocinados do *Google* ou *Google Adwords*.

Diante do exposto, a problemática em questão é analisar os processos de criação da mensagem, a possível e provável produção de conhecimento gerada no ciberespaço por meio dos microespaços, avaliando, *a posteriori*, a natureza dessas ferramentas, pelas quais o usuário consegue transmitir mensagens corretamente, sendo estas percebidas da forma desejada pelos seus receptores.

O *Twitter*, enquanto objeto de pesquisa proposto nesta dissertação, é tema de estudo de autores e pesquisadores das redes e do ciberespaço. *André Lemos* apresenta considerações relevantes a este trabalho ao analisar o uso do *Twitter* como “um espaço de dinâmicas sociais de inteligência coletiva e de articulação de design colaborativo intencional de ideias em tempo real”. *Rheingold* acredita que o sucesso da ferramenta e de seus processos de comunicação se dá com o ganho de informação de valor e com a capacidade de agregar pessoas que tenham os mesmos interesses, aptas a receber e fornecer estas informações (Rheingold, 1998).

Para *Carvalho*, esta facilidade que o ambiente virtual proporciona é capaz de incorporar “potencialidades de ser’ por vezes não pensadas ou imaginadas, não computadas, inusitadas, que só se atualizam num momento histórico, em função de um conjunto de contingências”¹.

Segundo dados da empresa de pesquisa *comScore*², em junho de 2010, o *Twitter* ultrapassou a marca de 93 milhões de usuários no mundo. Na América Latina, são 5,4 milhões de pessoas *twittando* (termo utilizado pelos usuários do *Twitter* ao se comunicar). Com 20,5% de *twitteiros*, o Brasil ocupa o posto de segundo colocado mundial, perdendo apenas para a Indonésia, com 20,8% de usuários.

¹CARVALHO, Paulo Roberto de. Psicologia social e a questão do virtual: pontuações temáticas na obra de Pierre Lévy. *Revista de Psicologia Social e Institucional*. Universidade Estadual de Londrina. Londrina. Disponível em < <http://www.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov1n23.htm>>. Acesso em 01Ago 2011.

² *Indonésia, Brasil e Venezuela Lideram Aumento Global de Uso do Twitter*. Release divulgado pela empresa em 11 de agosto de 2011. Disponível em <<http://bit.ly/dgxTKV>>. Acesso em 26Ago 2011.

A ferramenta é utilizada por pessoas com interesses profissionais -- caso de Maurício Moraes, da revista *INFO* que diz “Nada melhor, portanto, do que usá-lo para acompanhar colegas de trabalho ou outros profissionais de uma determinada área de atuação. Basta seguir as pessoas que você acha que têm algo a dizer para ficar por dentro das últimas tendências do mercado e trocar ideias. Tem gente graúda por lá” -- e também por grandes multinacionais como a *SAP*, gigante em sistemas de gestão que inaugurou seu *microblog* em 15 de abril de 2009, com “o objetivo de divulgar suas novidades e publicar *cases*, artigos e entrevistas com profissionais da área de TI e negócios. A ideia é abrir um canal de comunicação mais informal com colaboradores, clientes, parceiros e desenvolvedores”.

Conforme matéria divulgada pelo jornal *O Povo*, em 16 de abril de 2009,

a Camiseteria, conhecida pela venda de camisas com estampas desenvolvidas por artistas de design, “twitta” ofertas de fretes gratuitos e promoções, mas também posta em sua página endereços de sites interessantes para quem gosta de design e confecções. “A política da Camiseteria sempre foi a de ouvir o cliente, criar vínculos. Como já tínhamos um blog, migrar também para o Twitter foi natural”, afirma Fábio Seixas, um dos co-fundadores da loja.

O jornal inglês *The Guardian*, de 25 de março de 2009, publicou em seu sítio que o *Twitter* pode se tornar disciplina das escolas primárias do Reino Unido. Segundo o texto,

os setores responsáveis pela educação do país parecem estar atentos às novas tecnologias e à evolução da internet. Além do microblog, a Wikipédia deve ser mais uma nova matéria para os estudantes locais [...]. “As crianças devem deixar o ensino primário familiarizadas com blogs, podcasts, a Wikipédia e o Twitter como fontes de informação e meios de comunicação. Elas devem ganhar ‘fluência’ em escrita manual e digitação, aprender a usar um corretor ortográfico e a soletrar palavras”, informa o projeto, elaborado pelo ex-diretor da Ofsted, Sir Jim Rose.³

Diante de tais aspectos não se pode ignorar que o *Twitter*, com sua maneira democrática de expressão, é uma ferramenta de comunicação viva, dinâmica, capaz de gerar relações e propiciar a colaboratividade em rede na produção de novas cognições.

³ CURTIS, Polly. Pupils to study Twitter and blogues in primary schools shake-up. *guardian.co.uk*. Disponível em <<http://bit.ly/4eYdDD>>. Acesso em 26Ago 2011.

1. CARACTERÍSTICAS GERAIS DO MICROESPAÇO

*Micro,
do grego μικρός, mikros,
pequeno.*

Considerações iniciais

Microespaço: área delimitada espacialmente que apresenta possibilidade de conter determinado conteúdo; espaço com um limite específico e pequeno que suporta um certo conteúdo determinado.

1.1. O microespaço na era de Morse

Podemos buscar nos primórdios da civilização, métodos de comunicação que, seja pela necessidade de comunicação objetiva ou pela natureza específica do meio em absorver algo maior do que o estritamente necessário, fizeram com que o homem adaptasse sua forma de comunicação, buscando transformar longas mensagens em novos códigos comunicacionais, utilizando técnicas similares ao que hoje assumimos ser microespaço.

Em diversas culturas passadas, a exemplo da América indígena, os tambores e os sinais de fumaça eram os meios de comunicação mais utilizados para informar as comunidades distantes sobre as notícias das aldeias. Em caso de vitória frente ao inimigo, alarme diante do perigo, anúncio de festas ou rituais, os códigos eram combinados tanto pela quantidade de toques do tambor quanto pela espessura e cor das fumaças espalhadas nos céus. Essa comunicação, na qual o meio e a mensagem se impregnavam, era a forma mais clara e objetiva das tribos trocarem informações e, antes do advento da escrita, já se assemelhava ao que, num futuro próximo, se classificaria como “mensagem telegráfica”, codificada através de intervalos longos e curtos do aparato comunicacional.



**Figura 1: Sinal de Fumaça,
Frederic Remington (sem data)**



**Figura 2: Tribo Africana com tambores,
English School (1890)**

Nesse período pré-telegráfico, a natureza do meio, sua característica fundamental, delineava a forma dos códigos utilizados para a propagação da mensagem. Nos exemplos acima citados, tanto a fumaça, quanto o tambor, poderiam ter seus sinais transmitidos de forma diferenciada caso materiais de tamanhos e espécies diferentes fossem utilizados. O meio definia por completo o tom da mensagem. A materialidade do meio transformava a qualidade da mensagem transmitida (KITTLER, 2003).

Em 1832, o pintor Samuel Finlay Breese Morse, ao voltar da Europa para os Estados Unidos, tomou conhecimento das experiências de eletromagnetismo efetuadas pelo físico inglês Michael Faraday. Na época, muitos eram os pesquisadores que haviam se debruçado sobre a tentativa de estabelecer comunicação através de impulsos eletromagnéticos. A dificuldade encontrada por estes pesquisadores era que cada impulso necessitava de um conjunto de fios e de agulhas para a definição de cada letra. Em 1835, Samuel Morse criou seu primeiro protótipo de telégrafo, disposto somente sobre um fio e uma agulha. Em 1837, ele abandonou de vez a pintura e registrou a patente de seu invento aprimorado.

O que torna a comunicação telegráfica tão importante para o estudo do microespaço é que Samuel Morse desenvolveu não apenas o aparato, o meio, como também um sistema de codificação que possibilitou, através de apenas três tipos de

“sinais”, a transmissão de qualquer mensagem escrita, sendo esta decodificada no momento da recepção. Estes três sinais foram capazes de traduzir todas as letras do nosso alfabeto, números, pontuações comuns e sinais especiais. Morse criou um novo idioma, apenas audível, incapaz de ser reproduzido pela língua humana. A linguagem dos pontos, traços e pausa. A utilização deste idioma é feita somente por meio de traduções, gerando o que *Charles Sanders Peirce* chamou de semiose: a transformação de um signo em um novo signo para que novamente este retorne ao signo inicial. *Julio Plaza* se fundamenta em *Peirce*, quando afirma que traduzimos tudo o que vem a nossa mente.

Por seu caráter de transmutação de signo em signo, qualquer pensamento é necessariamente tradução. Quando pensamos, traduzimos aquilo que temos presente à consciência, sejam imagens, sentimentos ou concepções (que, alias, já são signos ou quase-signos) em outras representações que também servem como signos. (PLAZA, 1987, p.18).

Diferentemente das tecnologias comunicacionais anteriores, onde os sinais de fumaça e os toques dos tambores possuíam em seus ritmos mensagens pré-configuradas, o advento do código Morse permitiu que a limitação do meio não fosse um fator restritivo para a transmissão de mensagens altamente elaboradas. Esta é a principal característica do microespaço a ser estudada neste trabalho, o meio não é fator limitante para a mensagem, esta se adapta às características existentes dentro deste ambiente.

Para definir espaço, parte-se dos seguintes conceitos:

(1) *Newtoniana*: entidade dimensional que ontologicamente *contém* a realidade, que significa um vazio de espaço e tempo, sendo espaço e tempo adjuntos onde as coisas acontecem, um cenário da realidade.

(2) *Einsteiniana*: entidade dimensional que ontologicamente *constitui* a realidade, identifica-se com ela. Esta definição tem como foco a matéria. Segundo *Einstein*, espaço e tempo são substâncias primordiais do universo que, quando condensados, transformam-se em matéria.

O espaço no *Twitter* é um fator limitante. Ele define, na visão do usuário, as características do ambiente estudado. Para esta pesquisa podemos definir então que o microespaço é um ambiente virtual dimensional que ontologicamente contém ou constitui a realidade relacionada ao ciberespaço.

O telégrafo foi capaz de conter a escrita, até então restrita aos meios impressos. Apesar da necessidade de tradução da linguagem de pontos e traços, criada por Morse, a linguagem escrita podia ser transmitida pelos cabos do equipamento. Para *McLuhan* “a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo” (MCLUHAN, 2001, p. 22). Entretanto, a tecnologia precária (em comparação aos meios de transmissão de dados existentes atualmente) e os altos investimentos necessários para que esta benfeitoria se tornasse o primeiro meio de comunicação de massa existente em nosso planeta fizeram com que o homem, mesmo podendo transmitir qualquer mensagem por este aparato, passasse a aplicar a objetividade na comunicação. Apesar da tradução do idioma nativo para código Morse e novamente para idioma nativo parecer algo simples de ser feito, várias mensagens eram recebidas, muitas vezes, de forma “ruidosa”, com perda de seu sentido original, criando um verdadeiro “telefone sem fio”, tornando algo que deveria ser benéfico em malefício para o receptor. Segundo *Walter Benjamin* (1979, p.57).

Ainda segundo *Benjamin*, “verifica-se que toda tradução é um modo, por assim dizer, provisório de se medir a estranheza das línguas entre si.”. E continua “a intenção do escritor é ingênua, primeira, intuitiva; a do tradutor, derivada, derradeira, ideal. Pois o que realiza seu trabalho é a possibilidade de integração das muitas línguas na língua verdadeira”. (BENJAMIN, 1979, p.59).

Podemos ver abaixo, exemplos de dificuldades na tradução das mensagens. A falta de pontuação cria um problema de sentido para o tradutor. O texto pode ter diferentes olhares, inclusive muito distintos da intenção inicial do emissor :

Um homem rico estava muito mal de saúde. Pediu caneta e papel e escreveu assim:

“Deixo meus bens à minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres”.

Morreu antes de fazer a pontuação. Afinal, a quem ele deixou a fortuna? Eram quatro concorrentes: a irmã, o sobrinho, o alfaiate e os pobres. O escrito chegou às mãos deles e cada um fez a pontuação que lhe conveio, como veremos a seguir:

O sobrinho fez a seguinte pontuação: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

A irmã chegou em seguida. Pontuou assim: “Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

O alfaiate pediu cópia do original. Puxou a brasa para a sua sardinha: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Aí, chegaram os descamisados da cidade. Um deles, sabido, fez esta leitura: “Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres”.⁴

Além da incerteza no sentido original da mensagem, eram altos os preços pagos pelo cidadão comum na utilização do serviço de telégrafo – incluindo os telegramas, as transcrições das mensagens recebidas pelos telégrafos e enviadas ao seu remetente pelas vias normais dos correios –, uma vez que a forma de pagamento era feita por caractere, tornando caras as mensagens com maior quantidade de texto. Esta combinação de fatores fez com que as mensagens trafegadas por estes microespaços fossem objetivas, rápidas, diretas e econômicas, daí a denominação até hoje utilizada de “mensagem telegráfica”.

Desde os tempos dos telégrafos, a forma de escrita no microespaço assumiu certas peculiaridades. A prosa deu espaço para a poesia. A prosa cedeu seu lugar para os *haikais*, forma poética de origem japonesa que valoriza a síntese e a objetividade. Quanto mais sintética a mensagem, melhor o aproveitamento do espaço, podendo assim a mensagem apresentar um maior conteúdo comunicacional e um menor ruído na sua recepção. De acordo com *Carvalho*:

⁴ Disponível em < <http://bit.ly/owtZJZ>>. Acesso em 26Ago 2011.

o ruído é identificado na comunicação humana como o conjunto de barreiras, obstáculos, acréscimos, erros e distorções que prejudicam a compreensão da mensagem em seu fluxo: emissor x receptor e vice-versa. Isto significa que nem sempre aquilo que o emissor deseja informar é precisamente aquilo que o receptor decifra e compreende. (CARVALHO, 1995, p. 82).

Esta necessidade de sintetizar a comunicação e deixá-la mais límpida criou formas alternativas de codificar as mensagens, gerando, ainda, regras de utilização do texto nesse meio de comunicação. Pode-se ver abaixo “regras” e modelos de texto utilizado nos telegramas: (1) rapidez na informação; (2) objetividade na mensagem; (3) uso de abreviaturas; (4) não utilização de preposições e (5) não emprego de acentos.

Modelo de Telegrama:

Malvino Dantas

Rua das Olheiras nr (abreviatura de "número") 44

CEP.: 88.888.088 - CAVEIRA ESFOMEADOS - MT.

Fiz boa viagem vg chegando antes hora prevista pt avise mamae pt depois escrevo mais calma pt

Sds, Pirineu

Figura 3: Modelo de Telegrama

O microespaço na era de Morse criou uma decodificação específica para as mensagens e suas regras de escrita, tanto na forma, como no conteúdo das mensagens. Para *McLuhan* (1964, p. 248) “O telégrafo abreviou a sentença”. Este aprendizado será retomado no próximo item, ao apresentarmos o microespaço na era digital.

1.2. De Morse a *Barlow* – Ciberespaço

O invento do pintor Samuel Morse teve grandes repercussões mundiais. O governo americano, após conferir ao artista o título de inventor do equipamento, passou a investir em aprimoramentos para o telégrafo: mensagens com transmissão simultânea a partir da criação dos telégrafos duplex, quadruplex e, até mesmo, multiplex; aparelhos que aproveitavam as linhas de cabos já previamente instaladas e receptores que não mais necessitavam de um intérprete (telex), a própria máquina traduzia a mensagem e imprimia os signos gráficos em estreitas tiras de papel gomada que, depois, eram coladas em um papel comum e entregues ao seu destinatário, diminuindo cada vez mais os ruídos na comunicação, e demonstrando características semelhantes às tecnologias desenvolvidas posteriormente.

O telégrafo viveu seu apogeu com o italiano Guilherme Marconi, pai da telegrafia sem fio que, em 1901, estabeleceu, por meio de ondas eletromagnéticas, a conexão telegráfica entre Europa e Estados Unidos.

Em 1931, a empresa norte-americana *ATT (American Telephone and Telegraph)* criou um sistema de comunicação que acoplava uma máquina de escrever à linha telegráfica, permitindo a exploração comercial, não somente por empresas, como também por cidadãos comuns.

A disseminação do telégrafo foi um marco para que a comunicação deixasse de sofrer com as restrições derivadas dos microespaços e passasse novamente a permitir a totalidade do discurso, sem entraves, nem regras pré-determinadas. Falar ao telefone, além de aumentar a facilidade de comunicação, implicava também, segundo *Pierre Lévy* (1996), em uma virtualização do espaço.

Naquele momento em que falamos ao telefone, onde estamos? Podemos nos considerar presentes em que espaço? No local mesmo em que falamos? No local em que fala nosso interlocutor? Ou quem sabe num outro espaço? Este outro espaço é o espaço virtual, que se constitui na ausência do aqui para cada um dos interlocutores ao telefone. (CARVALHO, 1999)

Após 113 anos da invenção do telefone, surge o aparelho celular. Nada até então havia sido incorporado pela sociedade de forma tão avassaladora. Segundo pesquisa realizada pela empresa *Gfk*⁵, o celular é o aparelho mais importante na vida dos brasileiros. De acordo com a União Internacional de Telecomunicações (UIT), as redes de celular estão disponíveis para nove em cada dez habitantes do mundo. O celular inicia uma nova forma de interação na sociedade, virtualizando a comunicação e criando um outro tipo de microespaço, que materializa a presença dos interlocutores, tornando presentes -- a qualquer instante e em qualquer lugar, através das mesmas ondas eletromagnéticas descobertas por Marconi -- aqueles que, até então, se encontravam distantes pela geografia. O telefone fixo, abordado anteriormente, já havia despertado este pensamento na sociedade. *McLuhan* (1999, p.297) dizia que “Com o telefone, temos a extensão do ouvido e da voz, uma espécie de percepção extra-sensória”. O aparelho de telefone celular aumenta esta extensão sensória e virtualiza a presença humana. Virtualizar não significa falta de existência, não realidade. Virtual é o sistema obtido por conectividade a distância, aqui definida como um intervalo espacial, isto é, real. A virtualidade está no tipo de conectividade. Para *Lévy*:

É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. Para usar um exemplo fora da esfera técnica, uma palavra é uma entidade virtual. O vocábulo “árvore” está sempre sendo pronunciado em um local ou outro, em determinado dia numa certa hora. Chamaremos a enunciação deste elemento lexical de “atualização”. Mas a palavra em si, aquela que é pronunciada ou atualizada em certo lugar, não está em lugar nenhum e não se encontra vinculada a nenhum momento em particular (ainda que ela não tenha existido desde sempre). (LÉVY, 2000, p.47-48).

Lévy define que o *virtual* independe de certa característica tecnológica, usualmente associada quando da utilização do termo. Para o autor, a virtualização é característica da manifestação de determinada entidade fora de sua ocupação real no espaço. O autor diz que pode ser considerada virtual a definição de algo, a enunciação de um termo distante em relação ao tempo e espaço. O aparelho celular

⁵Celular é aparelho mais importante para brasileiro, diz pesquisa. *Folha online*. Disponível em <<http://bit.ly/crCd1K>>. Acesso em 26Ago 2011.

amplia a virtualização que o telefone fixo proporcionava, uma vez que este era limitado pela sua localização geográfica sempre fixa, diferente do aparelho celular.

Acompanhando o desenvolvimento do aparelho celular, novas funcionalidades foram se adaptando e se somando ao aparato. Em julho de 1992, o engenheiro Neil Papworth enviou, através do computador, um *torpedo* para o celular de um colega, desejando-lhe um “Feliz Natal”. No final do mesmo ano, Riku Pihkonen, estagiário da finlandesa *Nokia*, transmitiu, de seu celular, uma mensagem para outro celular. Nascia assim o SMS (*Short Message Service*).

O SMS toma para si todas as particularidades de microespaço do telégrafo, assumindo o posto até então ocupado por aquela tecnologia. A grande diferença reside no fato de que qualquer pessoa presente em quase que a totalidade do globo terrestre pode, sem restrições físicas, enviar ou receber uma mensagem. É como se Samuel Morse tivesse dado a cada cidadão, portador de um aparelho celular, o ensinamento necessário para utilizar o seu código. Com a velocidade de um digitar de teclas, mais de 200 mil mensagens são enviadas a cada segundo⁶, por meio de milhares de quilômetros de fibras óticas, cruzando continentes; pelas ondas eletromagnéticas; pelos satélites que orbitam o planeta e através de cabos submarinos que rasgam os oceanos.

O SMS colocou novamente em cena o padrão de escrita utilizado anteriormente pelo telégrafo e ainda adicionou algo mais, criando quase que um novo dialeto na interação entre os usuários. E é a partir deste SMS que se iniciou o nosso microespaço. Idealizado em 1992 e em operação desde 2006, o *Twitter* virou o fenômeno da internet mundial. Depois dos *blogs*, o *Twitter* deu o pontapé inicial para a geração dos *microblogs*, dinâmicos como seus irmãos mais velhos, entretanto munidos das facilidades de envio de mensagens por SMS, mensageiro instantâneo, *e-mail*, *mp3* ou pela *web*. Em razão de restrições de alguns celulares, que comportam apenas 160 caracteres para envio das mensagens, o *Twitter* nasceu

⁶Quase 200 mil SMS são enviados a cada segundo, diz ONU. *O Dia online*. Disponível em <<http://bit.ly/bbYuMe>>. Acesso em 26Ago 2011.

com esta característica: 20 caracteres para o nome do usuário e 140 para a mensagem. Temos aqui o padrão de microespaço no ciberespaço.



Figura 4: Imagens de interface de telefone celular ilustrando um SMS, Laurence Dutton (sem data)

Segundo Lévy (2003), *William Gibson*, em 1984, utilizou a palavra “ciberespaço” pela primeira vez em seu romance *Neuromance*, para definir uma realidade virtual que ocorria dentro dos microcomputadores e redes do mundo. Não temos aqui o objetivo de apresentar um novo significado ao termo, mas sim, de nos apropriar de definições que mais se aproximam da característica que defendemos: a de um espaço de trocas de qualquer tipo de informação, mediado por uma ou diversas redes de computadores, possível de ser acessado por qualquer aparato eletrônico, capaz de codificar e decodificar os pacotes de informação que trafegam por esta(s) rede(s). Para *Santaella*, o ciberespaço é definido como:

uma realidade multidirecional, artificial ou virtual, incorporada a uma rede global, sustentada por computadores que funcionam como meios de geração e acesso. Nessa realidade, da qual cada computador é uma janela, os objetos vistos e ouvidos não são nem físicos nem, necessariamente, representações de objetos físicos, mas tem a forma, caráter e ação de dados, informação pura. (SANTAELLA, 2004, p.40).

Lévy tem outra definição sobre o tema. Para ele, o ciberespaço é “o espaço de comunicações aberto pela interconexão mundial dos computadores e das

memórias dos computadores”. (LÉVY, 2000, p.92). As duas explicações são as que mais se adequam à presente pesquisa. Entretanto a restrição do acesso imposta por meio de computadores deixa as duas definições aquém do que esperamos, uma vez que, em 2011, as interfaces que mais acessaram a internet foram os *smartphones* (aparatos que contêm as funcionalidades de um aparelho celular juntamente com a facilidade de se conectar à internet dentre outras características). Esta constatação amplia as definições acima exemplificadas e altera a forma pela qual os usuários se relacionam com o ciberespaço. Os *smartphones*, juntamente com os dispositivos móveis, proporcionam novas memórias e formas de mapear o ciberespaço e de interagir com este ambiente. Para *Leão* o ciberespaço parte de uma visão tríplice por conter:

as redes de computadores interligadas no planeta (incluindo seus documentos, programas e dados); as pessoas, grupos, instituições que participam dessa interconectividade e, finalmente, o espaço (virtual, social, informacional cultural e comunitário) que emerge das inter-relações homens-documentos-máquinas. (LEÃO, 2004, p. 9).

Complementando as definições acima descritas, segue um pequeno trecho da *Declaração de Independência do Ciberespaço*, escrita pelo ativista e poeta norte-americano *John Perry Barlow* em 1997 e endereçada aos governos do “Mundo Industrial”. Para *Barlow*, o ciberespaço é um local livre de controles ou mesmo de vigilância externa:

Eu declaro o espaço social global aquele que estamos construindo para ser naturalmente independente das tiranias que vocês tentam nos impor. Vocês não têm direito moral de nos impor regras, nem ao menos de possuir métodos de coação a que tenhamos real razão para temer.[...]

[...] Vocês não nos conhecem, muito menos conhecem nosso mundo. O espaço cibernético não se limita a suas fronteiras. [...]

[...] O espaço cibernético consiste em idéias, transações e relacionamentos próprios, tabelados como uma onda parada na rede das nossas comunicações.

Nosso é um mundo que está ao mesmo tempo em todos os lugares e em nenhum lugar, mas não é onde pessoas vivem.

Estamos criando um mundo que todos poderão entrar sem privilégios ou preconceitos de acordo com a raça, poder econômico, força militar ou lugar de nascimento.

*Estamos criando um mundo onde qualquer um em qualquer lugar poderá expressar suas opiniões, não importando quão singular, sem temer que seja coagido ao silêncio ou conformidade. [...]*⁷

Como visto acima, ciberespaço pode ser entendido como o ambiente onde se definem inter-relações virtuais, através de dispositivos conectados a uma rede global, que proporciona a troca de informações, sem restrições entre um sem número de usuários, independentemente das limitações físicas (aqui definidas como limitações tempo e de espaço). Este ambiente é característico pela sua constante transformação. É dentro dele que iremos analisar a questão do microespaço.

1.3. O microespaço no ciberespaço



Figura 5: Comunidade Virtual. Twitter. Acesso em 06Out. 2010.

Antes de darmos continuidade ao assunto, é importante definirmos o que é o *Twitter*.

Para esta dissertação, definimos o *Twitter* como uma mídia social nascida da possibilidade de acesso por qualquer dispositivo conectado à internet, seja ele móvel

⁷BARLOW, John Perry. Declaração de Independência do Ciberespaço. *Ministério da Cultura*. Disponível em <<http://bit.ly/cfs0Ge>>. Acesso em 26Ago 2011.

ou fixo. Além disso, esta mídia tem a particularidade de estar sempre em movimento, como se possuísse vida própria. Mesmo não acessando continuamente este ambiente, as mensagens que povoam os perfis individuais de acesso mudam independentemente da interação de seu usuário, basta que este utilizador siga algum outro perfil, este sim provedor de atualizações, possibilitando que outros navegadores do ciberespaço acompanhem não somente os seus próprios pensamentos, como o pensamento das pessoas que estão conectadas a este usuário inicial. Para o pesquisador *Lemos*, o *Twitter* pode ser definido como:

mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade always on (PELLANDA, 2007), possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o design colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais de inteligência coletiva. [...] uma verdadeira ágora digital global: ambiente de aprendizagem, clube de entretenimento, "termômetro" social e político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas. (LEMONS, 2010, p.228).

Ao se cadastrar no *Twitter*, o usuário se conecta a outros membros da rede e também inicia a sua produção de conteúdo, publicando seus comentários no espaço de 140 caracteres. As pessoas que têm este usuário cadastrado em seus perfis passam a receber automaticamente os comentários em sua página principal. O *Twitter* permite ao usuário estar sempre informado. Cada nova informação publicada por qualquer um de seus contatos aparece instantaneamente. A ferramenta, que nasceu com a pergunta principal "o que você está fazendo?", hoje oferece um sem número de possibilidades de comentários. Pessoas utilizam o *Twitter* para falar da vida, das férias, do trabalho, do que quiserem. No âmbito da política, seguindo a linha do presidente Barack Obama que, em 2008, então candidato à presidência dos Estados Unidos, utilizou o *Twitter* para divulgar seu plano de governo, no Brasil, o mesmo fenômeno foi observado nas eleições presidenciais de 2010. Os candidatos, Dilma Rousseff e José Serra, criaram uma legião de fãs/correligionários que acompanhavam o dia a dia das campanhas pelo microespaço. Grandes empresas veem no *Twitter* uma forma de se aproximar de seus consumidores, de divulgar ideias, apresentar produtos e, até mesmo, realizar atendimento ao consumidor, caso da norte-americana de aviação *Jetblue*, pioneira no acompanhamento de menções feitas a empresas nos *posts*. Esse monitoramento

se reflete em um atendimento rápido e personalizado, respondendo às queixas de seus clientes.

Transmitir uma mensagem, que pode dizer muito sobre qualquer assunto, em apenas 140 caracteres parece difícil, principalmente quando você não tem o artifício gráfico como suporte à comunicação. No *Twitter* o texto é puro, sem imagens, cores ou formas deixando a mensagem condicionada ao texto escrito, herança de seus antecessores, o telégrafo e o SMS. Artifícios foram criados para que este microespaço pudesse compartilhar das facilidades presentes no ciberespaço. A ferramenta permite que os usuários, ao publicarem as suas mensagens, se utilizem dos 140 caracteres criando uma pequena “chamada” para algum texto relevante e insira, juntamente a esta chamada, um *link* direcionando então os seus seguidores para imagens, vídeos ou mesmo outros textos presentes na rede.



Figura 6: *Twitter* com *link* direcionador. Acesso em 01Ago 2011.

O *Twitter* é um fenômeno na rede. Segundo dados da pesquisa realizada pela *comScore*⁸, no mundo, existem 120 milhões de contas cadastradas. No Brasil, é como se três em cada cinco cidadãos fossem usuários do *Twitter*. A cada segundo, 600 *tweets*, nome dado a cada mensagem publicada na ferramenta, são publicados

⁸ Disponível em <<http://bit.ly/dgxTKV>> Acesso em 16JUN2011.

em todo o mundo, em um total de 50 milhões de *tweets* por dia. Neste cenário de informações, muitas são as possibilidades de interação e formas de comunicação.

A visão apresentada por Jim Rose, em sua afirmação ao jornal *The Guardian*⁹, pode ser considerada de uma importância relevante uma vez que, o uso de ferramentas de mensagens de texto, sejam *chats*, SMS, *Twitter* dentre outras, criou uma linguagem *paralela* ao idioma corrente dos usuários. Abreviações, contrações de texto e mesmo novos códigos são utilizados para substituir vocábulos correntes do idioma. Além disto, muitos usuários não se preocupam em corrigir palavras escritas erroneamente. A fluidez no envio de mensagens passa a ser mais importante do que o uso correto do idioma.

Uma ferramenta desta grandeza integra o cotidiano das pessoas, provocando interações constantes. O *Twitter* permite aos seus usuários partilharem suas mensagens ao se conectarem a duas comunidades distintas: a primeira é sua comunidade de interesses, outros utilizadores do *Twitter* que despertam certa relevância neste usuário; a segunda, o inverso, são os seguidores que veem relevância neste usuário (LEMOS, 2010). O utilizador do *Twitter* convive no ciberespaço dentro de comunidades e cria vínculos com pessoas que compartilham os mesmos pensamentos, gostos ou crenças. Redes são criadas e laços puramente virtuais são estreitados, tendo em vista o suporte e a facilidade de comunicação/conexão com o mundo que o microespaço proporciona.

Viver em comunidade numa realidade virtual implica em novos códigos de conduta e outras formas de se relacionar num ambiente diferente do dito real. Segundo Lévy (2000. p.128), “a comunidade virtual apóia-se na cooperação e na troca de conhecimento e só pode acontecer por meio de interconexão.” É esta interconexão, proporcionada pelo *Twitter* -- seja no computador, enviando um SMS, via celular, ou por meio de uma televisão capaz de se conectar à internet --, que faz com que a troca de mensagens entre os usuários seja possível. A disponibilidade de

⁹ Pag. 4.

acesso ao meio facilita a troca entre todos os membros da comunidade, reforçando conceitos e criando laços cada vez mais fortes.

1.4. O ser solitário. O ser em grupo

O ato de viver em grupo tem suas características iniciais nos primórdios da existência do ser humano. Na pré-história, o homem formou agrupamentos para se proteger dos perigos que rondavam sua tribo, fossem eles provenientes do tempo ou dos animais selvagens. Este convívio também facilitava a caça e a obtenção de alimento. Tribos de índios que vivem isoladas da civilização ainda mantêm estas características, permanecendo em grupos e mantendo viva a cultura de seus antepassados.

Ao estudar os agrupamentos humanos formados na rede, sempre mediante interesses, *Maffesoli* (2000) os definiu como tribos. Para o autor, estas tribos são como comunidades banais, efêmeras que ligam indivíduos com afinidades coletivas em tempo e espaço comuns e que, apesar desta fragilidade nos laços afetivos, são capazes de gerarem memórias coletivas permanentes. Reforça ainda que cada vez mais o cidadão vive sozinho e este viver sozinho não implica num individualismo.

o tribalismo de que tratamos pode ser perfeitamente efêmero, e se organiza conforme as ocasiões que se apresentam. Para retomar uma antiga terminologia filosófica, ele se esgota na ação. Dessa maneira, o que ressalta de diversas pesquisas estatísticas, é que cada vez mais pessoas vivem como "celibatários". Mas o fato de serem solitárias não significa viver isoladas. E conforme as ocasiões que se apresentam - particularmente graças aos anúncios informáticos propostos pelo minitel - o "celibatário" se junta a tal ou qual grupo, se liga a tal ou qual atividade. E assim, através de múltiplos vieses (o minitel é um entre outros), se constituem "tribos" esportivas, de amigos, sexuais, religiosas ou outras. Cada uma delas tem durações variáveis de vida, conforme o grau de investimento de seus protagonistas. (MAFFESOLI, 1998, p.195).

Maffesoli retoma aqui a ideia de grupos conectados por interesses comuns, já citada vinte anos antes pelos então diretores de pesquisa da *Advanced Research Projects Agency* (ARPA) – embrião do que hoje conhecemos como *internet*. J. C. R. Licklider e Robert Taylor, ao serem questionados sobre o que seria uma comunidade virtual, responderam à pergunta da seguinte maneira:

In most fields they will consist of geographically separated members, sometimes grouped in small clusters and sometimes working individually. They will be communities not of common location, but of common interest. (RHEINGOLD, 1993).

O autor *Howard Rheingold*, em seu livro *Virtual Community* também compartilha dessa ideia. Os grupos são capazes de se formarem em torno de um interesse comum e discutir temas, fomentando as trocas de informações e criando os laços necessários para a consolidação da comunidade. Para o autor, a existência da rede facilita a criação destas comunidades, tornando as relações virtuais mais fortes do que aquelas criadas por “acidentes de proximidade”.

É o que ocorre no *Twitter*. A coletividade, os indivíduos presentes nesta rede, criaram um mecanismo de aglutinação simples, pelo qual pessoas com os mesmos interesses, momentâneos ou não, podem se encontrar e, a partir deste dispositivo, se organizarem em redes dentro da rede. Este engenho possibilitou que, dentro da grande comunidade virtual, novas comunidades fossem criadas e abandonadas durante o tempo necessário àquela troca específica de conhecimento.

A limitação, tanto de espaço, como de suporte tecnológico e mesmo de possibilidade estética da forma textual, fez com que os indivíduos, munidos apenas do ambiente texto, desenvolvessem um código, fácil de ser utilizado por qualquer pessoa da rede. Surgiu então o conceito das *#hashtags*, “códigos” colocados em qualquer lugar dentro dos 140 caracteres do *Twitter* que permitem aos *twitteiros* de todo o mundo acompanhar discussões, comentários, notícias ou qualquer assunto de seu interesse. Estas *#hashtags* possibilitam a indexação das mensagens de mesma relevância, facilitando a busca na rede e permitindo as interações. Dentro do ambiente do *Twitter* as comunidades não possuem local específico, não estão indexadas ou mesmo “abertas” para a conexão de todos. Elas são criadas a partir de um certo estampido, de uma certa necessidade de conexão e troca de conhecimento entre os utilizadores da plataforma.

Para Lévy (2000, p.129), “A maioria das comunidades virtuais estrutura a expressão assinada de seus membros frente a leitores atentos e capazes de responderem a outros leitores atentos”. A utilização das *#hashtags* inclui as pessoas: qualquer um, ao escrever um *tweet* e colocar determinada *#hashtag*, passa imediatamente a fazer parte daquele fórum. O convite não existe, nem mesmo o conceito de “dono” da comunidade. Todos podem fazer parte daquele grupo, sem a necessidade de um convite prévio.

A utilização das *#hashtags* alterou a lógica inicial do *Twitter*. Este que nasceu com o conceito do “eu” individual, respondendo a “o que *você* está fazendo agora?”, que mais tarde se transformou em “no que *você* está pensando agora?”, passou a perguntar à comunidade, “o que o *coletivo* quer discutir agora?” ou mesmo “o que o *meu* pensamento somado ao *seu* pensamento mais o pensamento do *outro* querem, juntos, dizer agora?”. Essa é uma transformação social de grande importância. Deixar o indivíduo de lado com o intuito de discutir o que é melhor para o coletivo, de forma livre, é uma característica do homem social. A rede proporciona esta “democracia”, criando palanques onde todos são ouvidos. Segundo Lévy (2000, p.129) “as comunidades virtuais exploram novas formas de opinião pública”.

Maffesoli complementa esta nova definição do homem social. Para ele, este indivíduo como conhecemos deve dar lugar a outra forma do ser.

De agora em diante, parece-me que o indivíduo deve dar o lugar a outra coisa. O termo resta ainda a ser encontrado. Da minha parte, eu proponho aquele de “pessoa” no sentido etimológico do termo (persona). Isso significa que somos confrontados às “máscaras” e que nós temos menos uma identidade do que identificações. A aquisição da identidade era até agora o ápice da educação, o apogeu da socialização. Mas nós assistimos agora à passagem da identidade para as identificações múltiplas. É essa passagem que me parece fundar o nascimento; talvez seja melhor dizer o renascimento de formas tribais de existência. O tribalismo é, assim, uma metáfora útil para tentar, provisoriamente, notar a saturação em que o indivíduo ou o individualismo foi questão e do fato de que, a partir de agora, enfumaçaram-se em proveito de microconjuntos, de formas comunitárias. Frequentemente, temos o hábito de insistir, nos dias de hoje, no indivíduo ou no individualismo. De fato, agora prevalecem as “afinidades eletivas” que não são mais o feito de alguns, mas o feito de um grande número de pessoas, constituindo-se em tribos no seio das nossas instituições. (MAFFESOLI, 2004, p.28).

Esse novo indivíduo que se faz presente na rede, questionador, com o poder de ser parte da comunidade, expressa sua opinião, cria os mais diversos laços de afinidades com outros indivíduos e perpetua seu pensamento dentro do microespaço. O *Twitter* pode ser visto como um arquivo universal geral, agregador das mensagens publicadas a partir da manifestação de seus usuários. Dentre todos os comentários presentes na rede, muitos são banalidades, feitos dentro do conceito de comunidades efêmeras, alguns com conteúdos até mesmo perigosos e preconceituosos, a exemplo da comunidade *#nordestino* criada nas eleições presidenciais de 2010, no Brasil, na qual *twitteiros* expressavam seu preconceito frente à população do Nordeste, tratados (maltratados) como os responsáveis pela vitória da candidata Dilma Rousseff. Em contrapartida, muitas comunidades se desenvolvem para um fim mais elevado, algo admirável, como, por exemplo, a comunidade *#abciber2010*, fórum de discussões da Associação Brasileira de Pesquisadores em Cibercultura¹⁰, na qual usuários da rede se aglutinam para comentar os assuntos colocados em questão neste fórum.

¹⁰ www.abciber.org

2. POÉTICAS DO MICROESPAÇO

*"Viajante",
Poderia ser meu nome —
Primeira chuva de inverno.
Bashô*

2.1. Atirar no micro para acertar o macro

Ao bombardear o núcleo de um átomo com um nêutron é possível dividi-lo, liberando grande carga de energia. A magnitude desta reação é tão catastrófica que, para um leigo, é quase impossível acreditar que algo tão pequeno seja capaz de uma façanha desta grandeza. A energia produzida numa fissão nuclear, nome dado a esta reação, provém da transformação da matéria em energia. Expressa pela famosa fórmula de *Einstein*: $E=mc^2$ onde E é a energia, m a massa e c a velocidade da luz no vácuo, este processo produz aproximadamente 87,5% de energia cinética e 12,5% de energia eletromagnética.

Resgatamos do imaginário imagens e personagens que nos apontam também esta dualidade existente entre o pequeno e o grande, o fraco e o forte. Podemos ver que, na maioria das vezes, esta condição inferior (seja ela em relação ao tamanho ou à força) geralmente é compensada com um novo atributo, uma característica capaz de suprir esta “deficiência” da personagem. Além disto, algumas vezes a mesma personagem sofre com a ambiguidade em relação a sua condição.

Exemplos podem ser vistos na história *Alice no País das Maravilhas*¹¹. Alice, a personagem principal, cai em um buraco da árvore e se depara com uma chave, sob uma mesa. Então, vê uma minúscula porta que dá para um lindo jardim. Por ser muito grande, ela não consegue passar pela porta. Mas, a personagem encontra um vidro, com o rótulo “beba-me”, e um bolo com a etiqueta “coma-me”. Alice prova dos dois e percebe que um a faz crescer e que o outro a faz diminuir de tamanho. A

¹¹Obra publicada em 1865, de autoria de Charles Lutwidge Dodgson, sob o pseudônimo de Lewis Carroll.

personagem não consegue utilizar corretamente ambos, pois, ora fica muito grande para passar pela porta ou, então, muito pequena para pegar a chave.

Esta dualidade da personagem também pode ser vista na história *As Viagens de Gulliver*¹². Na primeira parte da história, após um naufrágio, nosso herói é transportado para a ilha de Lilliput, habitada por anões. Na segunda parte, Gulliver conhece Brobdingnag, uma terra habitada por gigantes. Diante destes desafios, Gulliver se depara com a dualidade enfrentada pela sociedade quando confrontada com realidades distintas da sua. A sua grandeza inicial em nada é superior com a baixa estatura de seus amigos liliputianos; o mesmo ocorre na terra dos gigantes, onde o seu tamanho pequeno não é sinal de inferioridade frente aos seus habitantes.

Na natureza encontramos características que demonstram que ser pequeno não é sinal de inferioridade. Os insetos são grande exemplo disto quando falamos de força. Uma formiga saúva é capaz de carregar objetos com até 15 vezes o seu peso corporal. O besouro-rinoceronte, o animal mais forte do mundo, pode carregar até 850 vezes o peso do seu próprio corpo. Seria como se um homem de 75 quilos conseguisse elevar objetos pesando mais de 63 toneladas.

Vemos também na bíblia exemplos desta dualidade. Davi, um jovem e frágil tocador de arpa, cansado das derrotas que o povo de Israel vinha sofrendo há 40 dias nas mãos do gigante Golias, decide enfrentá-lo. Ciente de sua inferioridade física, o pastor se utiliza de um artefato para poder sair vitorioso frente a esta disputa com o gigante. Munido de uma funda (um pedaço de pano capaz de atirar objetos), o jovem derrotou Golias ao acertar uma pedra em sua testa, derrubando o gigante e arrancando-lhe a cabeça.

A própria tecnologia nos traz uma manifestação artística que captura esta natureza do pequeno. A *ASCII art*¹³, expressão artística que utiliza apenas caracteres

¹² Obra publicada em 1726 e alterada em 1735, de autoria de Jonathan Swift.

¹³ American Standard Code for Information Interchange

do computador, demonstra como é possível produzir grandes obras utilizando a diminuta característica de cada um dos caracteres.

Exemplos:

```
###  ##  #
##  ##
### ##  ##  ### #####  ##  ##  ### #####  ###  ###  ##
#  ## #  #  #  #  #  #  #  #####  ###  #  #  ###  #  #  #  #
#  #  #  #  #  #  #  #  #  #  ###  #  #  #  #  #  #  #
###  ###  ###  ###  ###  ##  ###  ###  ###  ##  #  ###  ##
                                     #
                                     #
                                     ###  #
```

```

|_ _ _ | ( ) / |_ / |_
|/ | | \ | _ _ _ \ | | -' | | -' .---. _ .---.
| | | [ \ [ \ [ ] [ | | | | | | / / \ \ [ \ / ' \ \ ]
|_ | | \ \ \ \ / / | | | | , | | | \ \ . , | |
|_|_| \ \ / \ / [ ] \ / \ / ' . _ . ' [ ]
```

Emprestamos estas introduções para acertar o alvo do que é considerado conteúdo micro e, com isto, conseguirmos modificar esta matéria, assim como numa fissão, liberando algo mais do que inicialmente produzido. *Lev Manovich*, em seu artigo *Generation Flash*, destaca a alteração no modo de produzir arte com o advento da internet. Para o autor, a geração atual, adepta do *software* denominado *Flash*¹⁴, passou a se apoderar de áudios, vídeos e imagens existentes na rede, para produzir sua próprias obras, que podem manter resquícios de sua fonte original, ou mesmo, em sua totalidade, perderem estas características, tornando-se realmente algo novo. Além disto, esta geração também busca reduzir o tempo de produção de seus conteúdos, diferentemente do que acontecia no passado. Para estes artistas, uma obra com um *loop* curto (intervalo de repetição presente em um vídeo) é capaz de ser um índice da realidade, posto ocupado até então pela fotografia.

¹⁴ Adobe Macromedia Flash é um *software* de manipulação de vídeos e imagens capaz de criar ou mesmo adaptar algo existente em qualquer outra coisa através de linhas de comando.

A condensação, redução da quantidade de informação e até mesmo a compressão dos arquivos, diminuindo seu “peso” em *megabytes* é uma característica latente na maneira de utilizarmos a rede nos dias de hoje. Esta característica valoriza a objetividade e o aumento na quantidade de troca de mensagens, ao invés de um número menor de mensagens portadoras de grandes quantidades de informação.

Além de mensagens condensadas, a utilização única e exclusiva de recursos de texto, em detrimento ao emaranhado de *megabytes* que transbordam das animações gráficas, das imagens e dos sons, cria um campo de significados peculiar a este universo, apresentando ao usuário da rede pura informação textual, sem um suporte imagético característico da *web* que possibilita certa interpretação subjetiva do contexto. Pura unidade simbólica.

A forma de produção de conteúdo puramente textual não é uma novidade criada pelo *Twitter*. Na história podemos resgatar antecedentes que, em outros modos de expressão, já apresentavam um tipo de linguagem sintética em suas formas expressivas. Na poesia, encontramos modelos deste pequeno universo significacional. Talvez o maior exemplo desta categoria seja o *haikai*. Originário do *tanka*, poema curto muito utilizado no Japão do século XVI, o *haikai* se aproveitou do primeiro terceto constituído de 5-7-5 sílabas do *tanka* (5-7-5-7-7 sílabas).

Um haikai traduz uma ideia ou um momento de transitoriedade, com economia verbal e objetividade. Trata-se de um poema conciso, que aborda temas simples, muitas vezes ligados à natureza. Bashô diz o seguinte sobre o haikai ideal: “Na minha presente concepção, um bom poema é aquele em que tanto a forma do verso quanto a junção de suas partes parecem tão leves como um rio raso fluindo sobre um leito arenoso. (NUNES, 2010,p.1)

Diferentemente da cultura ocidental, acostumada à descrição detalhada dos eventos e à racionalidade do pensamento, através do *haikai*, os japoneses conseguiram criar um gênero poético capaz de dizer o mínimo, significando o máximo. Em seus três pequenos versos, ele exprime a sensação captada por seu autor no momento da criação do poema.

A brevidade da forma *tanka* fez com que os poetas recorressem à sugestão para poder expandir o conteúdo expresso nos seis versos, artifício literário que caracteriza a poesia japonesa desde então.

Este gênero poético arrebatou alguns grandes nomes da poesia brasileira tais como os irmãos *Campos* -- *Haroldo* e *Augusto* -- e *Paulo Leminski*, um grande porta voz da poesia que, em 1983, publicou uma biografia sobre *Bashô*. Para *Leminski*,

Os pensamentos mais sutis revelam-se nas condições mais materiais. E a mais alta poesia, nas circunstâncias mais pedestres e corriqueiras. Assim, Bashô transformou uma prática de texto, uma produção verbal, em “caminho” para o zen, a mais extraordinária aventura espiritual do bicho homem(...) Ele [o haikai] é inscrito. Desenhado. Incrustado, como um objeto, em outro sistema de signos. (LEMINSKI, 1983, p. 88)

No Brasil os *haikais* inspiraram os poetas concretos a criarem obras que também manifestavam esta característica de sintetização da linguagem e objetividade na exposição do tema. Segundo *Haroldo de Campos*:

O poema concreto aspira a ser uma composição de elementos básicos da linguagem, organizados ótico-acusticamente no espaço gráfico por fatores de proximidade e semelhança, como uma espécie de ideograma para uma dada emoção, visando à apresentação direta – presentificação – do objeto. (CAMPOS, 2006, p. 75).

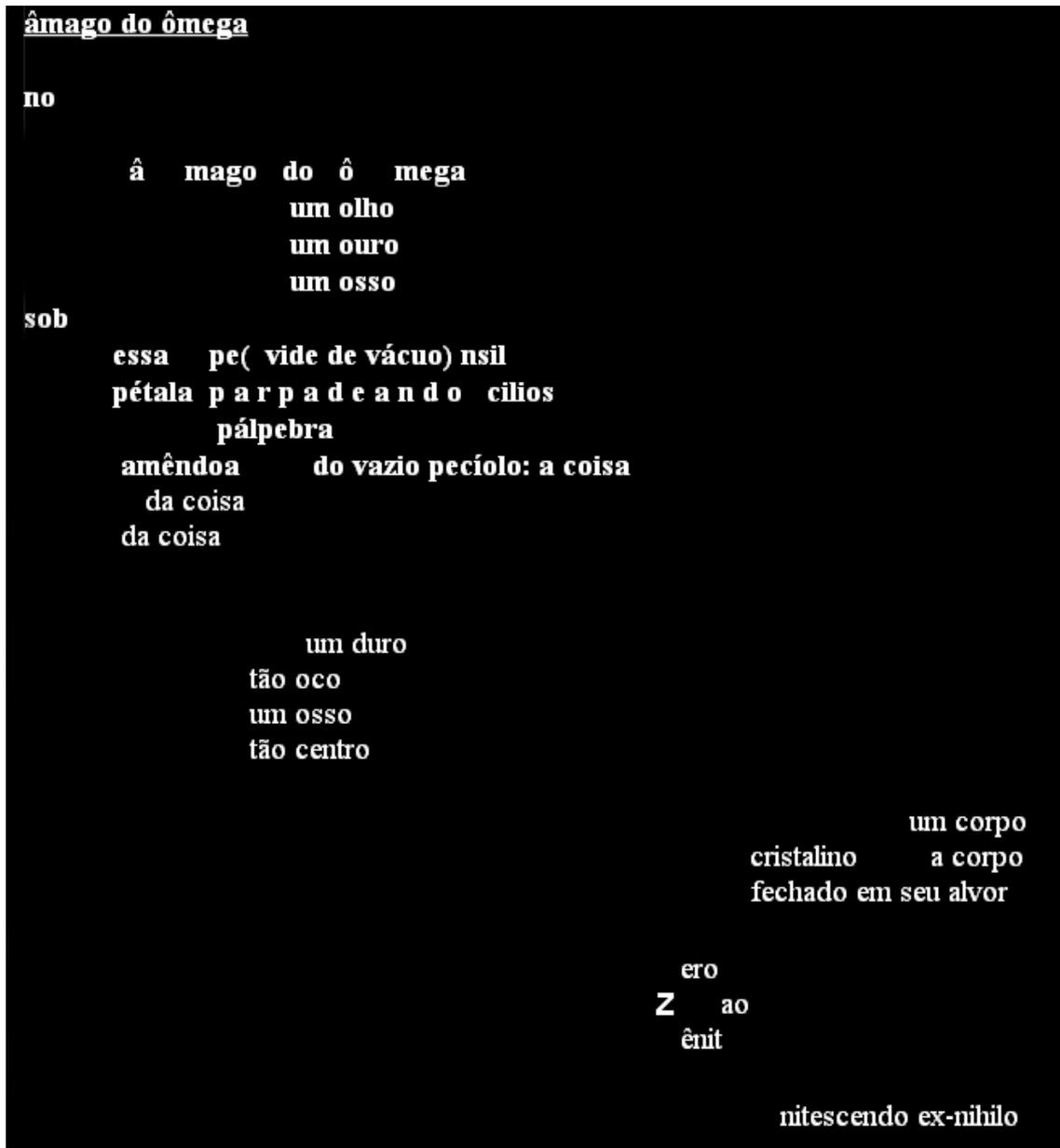


Figura 7: O âmago do ômega, Haroldo de Campos (sem data).
 Disponível em <<http://bit.ly/gAkddY>>. Acesso em 26Ago 2011.

Para os poetas do movimento concretista, a linguagem sintética, dinâmica é homóloga à sociedade industrial. Elimina-se a sintaxe tradicional, criando uma poesia objetiva, feita de verbos e substantivos. O poema passa a se utilizar do suporte no qual está inserido. O papel em que está impresso, os espaços vazios e a tipologia gráfica fazem parte do conteúdo inserido na mensagem que se quer transmitir.

Os concretistas tinham absoluta convicção de que diminuir o tamanho não significava perder significado, ou mesmo deixar de ser relevante. Apesar de sua diminuta condição, mensagens textuais presentes nesses pequenos espaços podem sim conter uma grande quantidade de significado, muitas vezes sem a dependência de uma relação com outro objeto de qualquer natureza.

Joyce é levado à microscopia pela macroscopia, enfatizando o detalhe – panorama/panaroma – a ponto de conter todo um cosmos metafórico numa só palavra. (...) Para Cummings a palavra é físsil. O poema cummingsiano tem como elemento fundamental a “letra”; a sílaba já é, para seus propósitos, um material complexo. (CAMPOS, 2006, p. 51).

O limite característico do ambiente gera uma nova realidade explorada pelo seu utilizador, torna a comunicação mais fluida, corrente, líquida, criando uma possibilidade de comunicação semelhante à falada, apresentando, entretanto, uma característica bem peculiar: a possibilidade de milhares de interlocutores se fazerem presentes nesta “festa” comunicacional, sem a necessidade de um convite prévio, nem mesmo a necessidade de possuir um relacionamento anterior com qualquer outro participante desta conexão.

Diferentes interlocutores, espalhados por diversas partes do mundo proporcionam uma troca de ideias global, acrescida de particularidades culturais distintas entre si e, muitas vezes, desconhecidas de grande parte da audiência presente à conferência estabelecida por meio da rede. Esta possibilidade de aproximação entre formas de pensamento, de uma maneira quase que imediata, permite a criação de novas sinapses virtuais até então adormecidas que, a exemplo do que ocorre quando o cérebro humano passa a criar estes novos laços, possibilita um grande aumento na produção de conhecimento, gerando novas áreas de “inteligência” a serem utilizadas.

Lévy, pesquisador da inteligência coletiva, diz que funções cognitivas tais como memória, percepção e aprendizado são melhor compartilhadas quando aumentadas e transformadas por sistemas técnicos e externos ao organismo humano quando faz referência aos meios de comunicação e à internet. Criam uma relação de compartilhamento que incentiva a produção de novos assuntos, desde

produtos do dia a dia até textos eruditos. Ser capaz de criar nível de diferenciação é o que assemelha esta capacidade da rede de produzir novos conceitos ao criar condições para que os usuários tenham habilidade para criar e produzir conteúdo dos mais variados tipos, desde textos até produções midiáticas capazes de conterem o “cérebro” presente a rede.

2.2. Navegando no ciberespaço

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".
Fernando Pessoa*

Até o início do século passado, a navegação se restringia aos mares, rios e oceanos. Barcos dos mais variados tipos, fossem eles comerciais, naus de guerra ou piratas, preenchiam as hidrovias do planeta, com o objetivo de encontrar caminhos, por meio de duas coordenadas: seu ponto de origem e seu destino. Para isso, os navegadores, utilizavam sofisticados aparatos, como bússolas e astrolábios.

Com a invenção do avião e o início da corrida espacial, travada pelos Estados Unidos e pela extinta União Soviética, a navegação passou também a ser feita nos céus e, até mesmo, fora de nossa atmosfera. Com o auxílio de novos aparatos (sendo o *GPS*¹⁵ um dos mais importantes), a navegação aérea passou a fazer parte do dia a dia da população mundial. Porém, a questão mais importante, o objetivo inicial oriundo da navegação marítima, continua o mesmo: sair de um ponto e ser levado a outro.

Com o advento da internet, um novo conceito de navegação é criado (LEÃO, 2004). Dentro da rede, o *internauta* não é mais guiado por um experiente navegador, mas sim, torna-se seu próprio guia, tomando as rédeas de sua nau para se aventurar pelo desconhecido, e em eterna mudança, mar do ciberespaço.

¹⁵ *Global Positioning System*: sistema de navegação por satélite que fornece para um aparelho receptor móvel a posição do mesmo, assim como informação horária, sob quaisquer condições atmosféricas, a qualquer momento e em qualquer lugar, desde que o receptor se encontre no campo de visão de quatro satélites *GPS*.

Esta constante transformação é o que torna este ambiente tão peculiar e repleto de novidades. Podemos tratar o ciberespaço como um labirinto. Seria necessário um mapa para auxiliar o *internauta* a navegar sem se perder pelo emaranhado de conexões existentes no ambiente.

O ciberespaço é um local onde qualquer navegante da rede pode percorrer qualquer rota, sem a necessidade de uma condição pré-definida ou de um roteiro estabelecido. O ato de navegar faz com que o viajante crie sua rota no decorrer da pesquisa, podendo não deixar rastros, o que dificulta o retorno ao início da jornada, como um desavisado que adentra um determinado caminho e, após andar por algum tempo, percebe que está perdido e que não tem ideia de como voltar; ele se dá conta que está em um labirinto. Segundo *Landow* (1997) “na narrativa hipertextual, os leitores constroem seus próprios caminhos, suas próprias sequencias temporais, podendo realizar saltos segundo suas necessidades informativas” (Landow, apud LEÃO 2003, p. 127).

Para *Bonilla*, “A navegação está baseada nas indexações e associações de idéias e conceitos, organizados sob a forma de links, os quais agem como portas virtuais que abrem caminhos para outras informações”. (BONILLA, 2005. p 139).

Ao explorar este mar, o navegante do ciberespaço, alheio a esta característica e ignorante quanto ao seu destino, é tomado pela necessidade de efetuar escolhas na medida em que se depara com um *hyperlink*. Escolher clicar nestes *links* e abarcar em novas possibilidades ao adentrar por estas “janelas” virtuais, ou permanecer no caminho em que se encontra, é condição tácita na utilização da rede. Focado, um usuário é capaz de manter a linha de raciocínio e construir relações diretamente ligadas ao seu objeto de pesquisa, caso seja esta a sua intenção ao navegar na rede. A grande questão reside no fato de que a quantidade de informação associada aos *teasers* (textos que expõem parte de um conteúdo com o objetivo de atizar a curiosidade, fazendo com que o público impactado tenha que procurar novas informações relacionadas ao assunto) desperta

uma quase necessidade de desviar-se de sua pretendida rota e embrenhar-se em um emaranhado de novos prazeres e curiosidades que não eram a ideia inicial do pesquisador, como as sereias de *Homero*, sequestrando a capacidade de raciocínio claro, seduzindo o navegante e ancorando suas expectativas em mares nunca dantes navegados.

Uma navegação relevante para a cognição se faz por ambientes idôneos. Ser um espaço livre, possibilitando a criação dos mais diversos conteúdos, faz com que a *web* seja preenchida com diversos sítios não merecedores de relevância na produção de conhecimento. Não existe ética no ciberespaço. Muitos dos *links* ditos “sérios” que, a princípio, direcionariam o usuário para a navegação dentro de conteúdos claros e relevantes para sua pesquisa, escondem armadilhas virtuais capazes até de eliminarem para sempre as funcionalidades do equipamento, seja ele o dispositivo que for conectado à rede.

Em seu livro *O Labirinto da Hipermissão*, Lucia Leão cria um *Ulisses* dos tempos modernos, apto a efetuar uma navegação eficiente em busca de seu objetivo dentro do ciberespaço.

Apesar de ter limitado sua pesquisa a uma hora de navegação, Ulisses passou por provas difíceis. Ulisses tinha interesse específico, mas queria também se informar sobre as novidades que seu assunto trazia. Havia muita coisa interessante que se relacionava ao seu assunto principal e perder tempo com sites que não interessam, sem tampouco pretender absorver tudo profundamente numa primeira lida, nosso navegante soube colher as sementes que depois trariam os frutos de sua pesquisa. (LEÃO, 1999, p.119).

Nosso *Ulisses* tinha um objetivo traçado e sua meta precisava ser cumprida, mesmo assim soube aproveitar seu período de navegação, se informando de assuntos relacionados ao seu objetivo. Entretanto um navegador não vive somente de rotas planejadas, passíveis de serem desviadas por possíveis armadilhas. Na rede é possível navegar em direção ao vento, sem rumo, sem destino. Nesta viagem é possível se defrontar com belas paisagens existentes na imensidão deste mar denominado ciberespaço. Portos seguros, ambientes que, além de conterem características encantadoras, proporcionam aos seus *navegadores* experiências até

mesmo poéticas, capazes de criarem um universo virtual. A conhecida *Net.art*, nome dado ao movimento criado por artistas conectados à internet, diferenciando a produção até então praticada na rede, conhecida como *Art on the Net*, é um exemplo. *Rachel Greene*, define *Net.art* como “um termo com uso particular e que descreve uma fase específica do início da arte na internet.” (GREENE, 2002, p. 538).

Foi um momento no qual os trabalhos eram baseados nos *https* puros, códigos eram digitados para que, na tela, surgissem manifestações estéticas oriundas da criação e da inventividade dos artistas. Três particularidades do ambiente foram exploradas pelos *net.artistas*. O trabalho com *softwares*, envolvendo a geração de interfaces que estimulassem a interação com o usuário. O trabalho direcionado para a navegação na rede, denominado *browser art*, no qual o artista se apropriava de dados da navegação e manipulava estas informações, entregando uma nova forma de ver o ambiente. E, por fim, a questão da estética dos bancos de dados: informações colhidas dos mais diversos ambientes são reorganizadas e apresentadas de diferentes maneiras.

2.3. Ser ou não ser

A vida dentro da rede pode ser considerada um esconderijo para os participantes das mais variadas comunidades. Em seus estudos, *Rheingold* demonstra a particularidade que envolve estes usuários, desde os tempos das antigas MUDs (*Multi-User Dungeon* ou *Dimension* ou *Domain*), um jogo de computação do tipo de RPG (*Role Playing Game*), executado em BBS ou em um servidor de internet.

Os participantes, em sua grande maioria estudantes universitários, passam horas convivendo em um mundo virtual, estabelecendo relações e se envolvendo com pessoas desconhecidas de seu círculo de relacionamentos do mundo real, a partir da criação de um novo *self*, de um novo ser dotado de características que nem sempre correspondem as da pessoa real.

Para o autor, as pessoas que fazem parte dessas comunidades não estão evitando a sociedade, nem são introvertidas, muito pelo contrário, são pessoas que buscam mais ativamente um convívio social por meio de uma realidade virtual.

Dentro de uma MUD o usuário tem a liberdade de criar um personagem, um possível novo “ideal de vida”, permitindo vivenciar, no mundo virtual, fatos distantes ou impensáveis em sua vida real. Neste mundo, a pessoa integra uma nova sociedade, obedece a regras de conduta diferentes e estabelece laços sociais. As MUDs tornam fantasias em realidade.

Seja por meio de um computador e uma linha telefônica ou com o uso de dispositivos como cabos ou conexão sem fio, a rede virtual proporciona, a qualquer pessoa, oportunidades de viver em realidades distintas da sua, de estabelecer novos laços de afinidade. Apesar das MUDs e das realidades virtuais alternativas não serem objeto deste trabalho, esta introdução foi importante, considerando que estamos utilizando informações oriundas da rede e que, diante das possibilidades de criar realidades alternativas, personagens fantasiosas e vidas paralelas, seja preciso estarmos alertas em relação à origem da mensagem, à qualidade da informação e à idoneidade da fonte. Esta é uma fonte real ou trata-se um personagem de um universo paralelo que está nos alimentando e nos “ensinando” coisas que no fundo são ilusórias?

Uma característica latente nas redes sociais é a de se tornar conhecido. Não importa o quão estreitas sejam as relações entre as pessoas conectadas, mas sim, a quantidade de laços existentes dentro da plataforma. Na rede, a reputação do usuário é diretamente ligada à quantidade e não à qualidade do conteúdo de seu perfil. *Castells* (2007) afirma que na rede criam-se laços fracos de conexão com desconhecidos. Para o autor:

A vantagem da rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços

fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. (CASTELLS, 2007, p. 445).

Escrever na rede requer tempo e dedicação. O leitor de uma rede social é sedento por novidade (aqui definida pelo termo em inglês *news*, conceito de novidade diante de um tema, a urgência de absorver uma nova informação), buscando sempre informações que atendam aos seus interesses. Caso o fato comunicado seja interessante e tenha relevância, o “escritor” terá audiência e será reconhecido como uma boa fonte; desde que, para manter este *status*, continue agraciando seus leitores com novos assuntos. Em um *microblog*, a exemplo do *Twitter*, onde as informações recebidas dentro de uma conta de usuário são dispostas em uma *timeline* (listagem das mensagens dispostas através do tempo), caso a mensagem recebida não desperte uma curiosidade imediata, é largada ao esquecimento; o usuário não tem vontade de recuperá-la, mesmo havendo esta possibilidade.

A concisão da mensagem, aliada ao seu caráter de novidade, desperta na audiência o desejo de acessá-la. Apesar de ser uma particularidade do espaço (*microblog*), a produção da mensagem, nesses padrões, cria uma nova maneira de escrever, mais clara e precisa, impactando seu receptor de uma forma, até então, não explorada completamente dentro da rede.

A natureza da comunicação oriunda destes espaços é diretamente relacionada à intenção de seu emissor ao atingir seu público. Esta comunicação que pode ser puramente pessoal, bem como algo mais abrangente, chegando a outras camadas da sociedade, a exemplo de instituições, órgãos políticos, entidades de classe dentre outras, em sua essência, busca realizar o objetivo primordial da comunicação, qual seja, ser capaz de atingir um público abrangente. Em complemento ao ato comunicacional, o objetivo principal da mensagem é fazer com que a comunicação seja capaz de criar algo novo, capaz de mudar a conduta de seu receptor, de maneira que este tenha uma reação diante do que acaba de receber, com a função de ter surtido efeito frente ao seu conteúdo. *D’Ambrosio* (1997, p. 139) enfatiza que “toda ação do ser humano é inteligente, amparada por uma estratégia.

Tem um objetivo, obedece a uma vontade”. Este é o objetivo de uma comunicação eficiente, mas que nem sempre é muito bem definido.

Dentro da rede existem os mais variados usuários interessados nas mais diversas possibilidades de contato. Assuntos relacionados ao cotidiano, pequenas notícias, diferentes boletins disputam a atenção, juntamente com a possibilidade de existência de uma elaboração de mensagens condizentes com a necessidade de um pesquisador. Temas relacionados aos objetivos de uma pesquisa podem ser encontrados nas entranhas da rede social, disputando espaço com outras mensagens, sem que, necessariamente, haja qualquer conexão. Esta desordem, coordenada por um ambiente permanentemente em modificação, leva o pesquisador a criar atalhos no intuito de poder encontrar as suas próprias observações, bem como as observações de seus desconhecidos colaboradores.

No *Twitter*, a forma de ordenação da desordem, conforme já relatado no capítulo anterior, são as *hashtags*; um único sinal gráfico que gera uma conectividade entre as mensagens que trazem entre si semelhanças no conteúdo que carregam. Esta possibilidade de aglutinação de sentido entrega ao pesquisador uma sequência de conteúdos relevantes, capaz de criar uma relação de continuidade da informação, formando uma trama de significado inexistente dentro do contexto em que individualmente estas mensagens estavam inseridas.

As *hashtags* permitem o estabelecimento de discussões e o entrelaçamento de suas respostas, criando uma gramática própria da rede, uma forma de conexão única que conduz o leitor à compreensão do, até então, conteúdo implícito da comunicação. As *hashtags* ordenam o pensamento vivo presente na rede. Elas criam uma rota dentro do labirinto do ciberespaço e proporcionam a vontade de chegar à saída do labirinto, ou mesmo ao seu centro. Para *Leão* (2002, p.31), o centro do labirinto pode ser definido como a busca do *self*, de si próprio, ou mesmo, a busca pelo conhecimento perdido.

A ordenação das pequenas mensagens cria um cenário de exposição de novos pensamentos, entretanto cria também um cenário de repetição. Mensagens ditas interessantes passam a ter a assinatura dos mais diversos autores. Alguns deles indicam a fonte de onde beberam a mensagem; outros, entretanto, não fazem questão de colocar a assinatura de seu criador, tomando para si aquele pensamento.

É por meio das *hashtags* que podemos analisar algumas manifestações criativas encontradas no *Twitter*. Um exemplo foi a “apresentação” da obra *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, pelo grupo teatral britânico *Royal Shakespeare Company*. Durante um mês, os atores trocaram as falas clássicas da obra do grande escritor por mensagens no *Twitter*, transmitidas em tempo real pelos mais diversos dispositivos eletrônicos.

Os atores, auxiliados por um diário de bordo, escreveram seus próprios textos, tendo a Londres dos dias de hoje como cenário para sua encenação. Característica deste cenário, bem como do perfil dos atores, *Such Tweet Sorrow*¹⁶ (o nome adaptado da peça) criou uma nova forma de utilizar e estabelecer relações na rede. Mostrou que uma tecnologia de vanguarda é capaz de suportar as mais diversas criações, inclusive uma adaptação de uma obra clássica do teatro. Durante a *encenação*, um resumo do cotidiano dos personagens era *postado* num sítio, permitindo que as pessoas, que não estivessem acompanhando o desenrolar da peça em tempo real, pudessem seguir as façanhas de seus personagens.

O *Twitter* é repleto de usuários ilustres, com milhares de seguidores interessados em suas manifestações. Estes *blockbusters* virtuais revelam suas peculiaridades, personalidades e fatos relacionados ao seu cotidiano para todos os seguidores. Escrevem mensagens que se tornarão assuntos comentados na rede e que perpetuarão a comunicação durante um grande período de tempo, levando a comunidade a dar cada vez mais audiência para estes ilustres *twitteiros*.

¹⁶ Disponível em <<http://bit.ly/dkqkIO>>. Acesso em 15JUL2011.

Alguns exemplos de perfis populares da rede podem ser vistos abaixo (no Brasil, os vinte primeiros perfis são de famosos do mundo real):

#	Personalidade	# de seguidores	Atividade Profissional
1	Ivete Sangalo	2.962.212	Cantora
2	Programa Pânico	2.550.745	Programa de TV
3	Rafinha Bastos	2.470.601	Apresentador e humorista
4	Claudia Leitte	2.216.570	Cantora
5	Sabrina Sato Rahal	2.161.740	Apresentadora e humorista
6	Marco Luque	2.085.081	Apresentador e humorista
7	Fantástico	2.043.450	Programa de TV
8	Rodrigo Scarpa	1.884.257	Apresentador e humorista
9	Paulo Coelho	1.899.486	Escritor
10	Jason Mraz	2.012.356	Cantor
11	Claro Ronaldo	1.936.520	Ex-Jogador de Futebol
12	Mano Menezes	1.922.999	Técnico de Futebol
13	Ceará-Wellington	1.781.188	Apresentador e humorista
14	Neymar Junior	1.399.710	Jogador de Futebol
15	Marcelo Tas	1.708.995	Apresentador de TV
16	Danilo Gentili	1.743.632	Apresentador e humorista
17	William Bonner	1.705.466	Apresentador de TV
18	ESPN	1.444.853	Canal de TV por Assinatura
19	Rede Globo	1.305.245	Canal de TV Aberta
20	Serginho Gorisman	1.272.398	Apresentador de TV

Alguns desses perfis não são administrados por seus próprios utilizadores. Muitas dessas contas são gerenciadas por terceiros, característica de personalidades que têm a intenção de apenas se fazerem presentes na rede, marcarem seu posicionamento, no intuito de reforçarem a manutenção de suas popularidades, sem, no entanto, se envolverem no dia a dia da comunidade.

Estes perfis administrativos não manifestam verdadeiramente a intenção de seus donos. Apresentam uma falta de aproximação com a realidade de seu verdadeiro interlocutor e revelam certa distância entre este emissor e seus receptores. Muitos destes receptores desconhecem esse artifício e acreditam manterem conexões reais com os famosos.

Podemos citar inúmeros exemplos de personalidades que, aqui no Brasil, exploram a ferramenta de forma regular e intensa. Nesta pesquisa iremos abordar o perfil de duas personalidades: Rafinha Bastos, humorista e apresentador do programa *CQC*, da *TV Bandeirantes*, considerado, por uma pesquisa do jornal americano *The New York Times*, como a personalidade mundial mais influente no *Twitter*, e também o perfil da cantora Ivete Sangalo, que conta como maior número de seguidores no país.

Rafinha Bastos

Rafinha Bastos afirmou “o *Twitter* é uma ferramenta do tamanho da minha piada. Meu humor tem 140 caracteres, é dinâmico, autoral e criativo.”¹⁷



Figura 8: Imagem do perfil de Rafinha Bastos (@RAFINHAbastos)

O apresentador Rafinha Bastos sempre utilizou a internet para divulgar seus trabalhos. Ficou conhecido ao *postar* semanalmente vídeos relacionados aos seus esquetes (pequenas peças ou cenas dramáticas, geralmente cômicas, com menos de dez minutos de duração), com o objetivo de aumentar a frequência de público em

¹⁷ Entrevista à revista *Isto É*. Disponível em <<http://bit.ly/i9188m>>. Acesso em 26 Ago 2011.

seus shows. A ação deu tão certo que, este gaúcho de Porto Alegre, foi convidado a participar da bancada do programa humorístico *CQC*.

O próprio Rafinha diz “sou uma criatura e criação da internet e tenho muito orgulho disso. A internet possibilitou que eu construísse minha carreira do jeito que queria”¹⁸.

Já conhecido, o apresentador, que mantém um sítio relacionado aos seus trabalhos, também começou a utilizar o *microblog* para se comunicar com o público, mantendo seus fãs sempre informados sobre novas apresentações, bem como para divulgar assuntos relacionados ao seu cotidiano. Sua atuação no *Twitter* é tão bem sucedida que, no início do ano de 2011, uma pesquisa de nível mundial realizada pela empresa *Twitalyzer*, considerou Rafinha como a personalidade mais influente no *microblog*, desbancando celebridades com um número muito maior de seguidores, a exemplo da cantora americana Lady Gaga, o perfil mundial com o maior número de seguidores no *Twitter* (mais de 12 milhões de conexões¹⁹).

Para chegar a esta constatação, a empresa levou em consideração, além do número de seguidores, o número de vezes que este perfil é comentado, bem como a quantidade de vezes que suas mensagens são *retwittadas* por outros utilizadores da rede, criando assim uma métrica que define a relevância dos usuários.

Rafinha, em entrevista para a revista *Exame*²⁰ explica que a utilização da ferramenta tornou-se parte de seu trabalho, a partir do momento em que ele passou a *twittar* em média 5 vezes ao dia. Seja no banheiro ou no intervalo do programa *CQC* (transmitido ao vivo todas as segundas-feiras), Rafinha se mantém conectado à ferramenta, para poder estar sempre atento às novidades. Diz também que sua presença constante na rede o ajuda a manter uma relação mais próxima com seus fãs e a criar um vínculo mais forte com o público, uma vez que, para ele, a

¹⁸ Matéria do jornal norte-americano *The New York Times*, reproduzida no *Portal MSN*. Disponível em <<http://bit.ly/rf4MI6>>. Acesso em 26 Ago 2011.

¹⁹ Disponível em <<http://twitter.com/#!/ladygaga>>. Acesso em 25 Ago 2011.

²⁰ Revista *Exame*, edição 33. São Paulo. 2011.

exposição de fatos do seu cotidiano aumenta o respeito que ele pode demonstrar ao público.

Ivete Sangalo



Figura 9: Imagem do perfil de Ivete Sangalo (@Ivetesangalo)

O segundo perfil a ser analisado é o da cantora Ivete Sangalo, a personalidade brasileira com o maior número de seguidores no *microblog*. Em sua página principal, na pequena descrição relacionada ao seu perfil, a cantora informa que as mensagens *postadas* em sua conta são informações disponibilizadas tanto por ela, como pela equipe responsável por seu sítio pessoal.

Ivete Sangalo começou a utilizar o *Twitter* em meados de 2010 com o objetivo de divulgar as suas apresentações e sua carreira. A responsabilidade pela *postagem* das informações cabia a uma equipe de produção específica para a manutenção da ferramenta. Só que a cantora, interessada pela facilidade de interação existente no *Twitter*, passou a publicar suas próprias mensagens. Esta diferença na forma de comunicação é bem característica quando analisamos as mensagens que habitam o seu perfil. Informações relacionadas a datas de novos

shows, ou mesmo o dia do lançamento de um novo DVD, normalmente divulgadas pela equipe de produção, misturam-se às mensagens pessoais da cantora, geralmente agradecimentos ao público pela presença em determinado show, além de beijos e abraços direcionados a certos fãs ou mesmo informações relacionadas ao que a cantora está fazendo no momento.

Ivete diz que o uso do *Twitter* foi a forma que ela encontrou para agradecer aos fãs, por serem tão generosos com sua vida e com sua carreira, além de um meio fácil e eficiente para conversar com um grande número de fãs ao mesmo tempo, o que, sem a utilização da ferramenta seria quase impossível.

@re_vira_volta



Figura 10: Imagem da página no *Twitter* do livro @re_vira_volta

Outras formas de abordagem podem ser observadas no *Twitter*. Usuários experientes, regularmente presentes no *microblog*, têm maneiras alternativas de se manifestarem como, por exemplo, o livro *@re_vira_volta: Uma Experiência em Twitteratura*. O pesquisador André Lemos, criador da obra, resolveu abordar um novo modo de manifestação dentro do *microblog*, ao desenvolver uma narrativa com

características (dada as devidas proporções) semelhantes a da produção de um livro. Para criar um enredo partindo do zero, o autor deixou de lado o seu perfil pessoal e cadastrou dois novos e diferentes perfis, *@re_vira_volta* e *@re_viravolta*, exclusivamente para o desenrolar da história. Por um ano, entre os dias 27 de junho de 2009 e 27 de junho de 2010, durante os sábados e, às vezes, também aos domingos, Lemos produziu uma história que pôde ser acompanhada em tempo real pelos usuários do microespaço. Para o autor, esta produção é uma possibilidade de diálogo entre o leitor e o narrador, uma configuração de novas abordagens criativas presentes no microespaço e capazes de transmitir uma outra relação de troca de conhecimento entre diferentes interlocutores.

A criação das duas contas foi proposital para a existência de um diálogo. A primeira conta, *@re_vira_volta*, é a espinha dorsal da história, o eixo central do desenrolar dos fatos; a segunda conta, *@re_viravolta*, se caracteriza pelo diálogo que o autor quis proporcionar aos leitores, “um alter ego do narrador”, como ele mesmo diz.

O pesquisador, ao final de seu trabalho, criou uma versão em formato de livro digital, publicando toda a narrativa desenvolvida durante o ano de publicação dos *posts*, no intuito de perpetuar a construção deste trabalho materializado pelos recursos presentes na rede.

As manifestações apresentadas no *Twitter* mostram como a comunicação é interpretada de indivíduo para indivíduo. Na utilização da rede, cada ator/personagem/usuário é o seu próprio guia, apenas orientado por um mapa. A troca de mensagens entre os perfis é o que promove a colaboração, a trama da rede/história e permite a produção coletiva de um enredo. Mais uma vez *D'Ambrosio* analisa esta característica do indivíduo:

A informação é capturada, diferentemente de indivíduo para indivíduo, através dos sentidos. Entre esses incluímos a memória e outros possíveis mecanismos ainda não identificados, como a intuição e a percepção transensorial. A informação é absolutamente individual e processada de maneira também individual. Dá origem a estratégias de ação que diferem de indivíduo para indivíduo. O fenômeno da comunicação permite compartilhar

informações, coordenar seu processamento e definir estratégias para a ação comum. Este é o início da vida em sociedade. (D'AMBROSIO, 1997. p.140).

Entra-se no enredo da inteligência coletiva, tratada por Lévy (2003). A produção de conhecimento coletivo dentro dos mecanismos proporcionados pela rede.

2.4. O Twitter e as manifestações de inteligência coletiva

O *Twitter* também hospeda manifestações de inteligência coletiva. Num artigo denominado *Qotd, por @umairh: a inteligência coletiva no Twitter*, a pesquisadora Renata Lemos apresenta uma análise sobre produção de conteúdo acadêmico por meio da colaboração de usuários da rede. Para a autora, o *microblog* é “um espaço de dinâmicas sociais de inteligência coletiva e de articulação de design colaborativo internacional de ideias em tempo real”. Em específico, a pesquisadora analisa a criação do *qotd*, um ambiente de inteligência coletiva, elaborado pelo economista *Umair Haque*. Neste ambiente, o pesquisador busca, em suas conexões presentes no *Twitter*, uma ideia, um *insight*, ou mesmo uma resposta para determinados questionamentos relacionados a um texto em produção. Com o *Twitter*, instantaneamente, milhares de respostas a este chamado inicial foram recebidas pelo perfil *@umairh*, referente ao pesquisador, criando uma onda de informações dos mais variados assuntos. Além disto, discussões paralelas são formadas em torno de outros temas que surgem na rede, produzindo novas ramificações que partem de outras interconexões de usuários. O pesquisador passa a ser somente mais um participante deste novo objeto de pesquisa presente na rede. Após este grande *brainstorm*²¹, o pesquisador seleciona o que de mais interessante pode ser colhido desta tempestade de informações e *retwitta*. Novamente uma nova onda de manifestações é criada, agora em torno de um tema mais específico, com suas arestas já previamente estabelecidas e com seus objetivos traçados. A partir deste momento, as manifestações decorrentes destes

²¹ *Brainstorm*: (literalmente: "tempestade cerebral" em inglês) ou tempestade de ideias, mais que uma técnica de dinâmica de grupo, é uma atividade desenvolvida para explorar a potencialidade criativa de um indivíduo ou de um grupo - criatividade em equipe - colocando-a a serviço de objetivos pré-determinados. (fonte wikipedia)

insights são utilizadas pelo pesquisador em seu texto, provocando assim uma produção coletiva do conteúdo.

Podemos assumir esta pesquisa de *Haque* como um exemplo do que Lévy trata de inteligência coletiva. Para o autor esta manifestação é “uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências.” (LÉVY, 1998, p28). O autor complementa seu pensamento ao salientar que a inteligência coletiva é dependente da liberdade dos indivíduos em oposição às ações totalitárias de quem coordena a manifestação. Não se pode buscar inteligência coletiva em projetos onde os indivíduos sejam subordinados a outrem. O coletivo se auto-organiza, estabelecendo regras e definindo os objetivos que a manifestação pretende alcançar.

A facilidade com que o *Twitter* permite propagar a mensagem para milhares de usuários da rede é fundamental para que um empreendimento como este seja possível de ser realizado em tempo real. A participação ativa dos usuários é mensurável a partir da velocidade que as respostas são recebidas pela fonte inicial. Esta fonte, por sua vez, ao propor este debate virtual, está ciente de que não será capaz de mediar quaisquer que sejam as respostas oriundas da rede, uma vez que a liberdade de informação é característica principal deste cenário; seu papel será apenas o de um juiz responsável pela definição final do que é realmente válido para sua própria utilização, sendo que, os assuntos em paralelo criados a partir de seu questionamento inicial, permanecem presentes na rede, sem sua influência, bastando que o coletivo continue alimentando esta discussão.

Manifestações semelhantes a essa são cada vez mais presentes na rede. Pesquisadores utilizam a plataforma para poderem trocar ideias e lançarem seus pensamentos no intuito de que alguém, em qualquer lugar, seja capaz de interceptar esta mensagem e, a partir dela, iniciar uma discussão relacionada ao tema. Atividades que ocorrem no “mundo real” também criam suas plataformas “virtuais” capazes de captarem as manifestações tanto de seus organizadores, quanto de

seus participantes, com o objetivo de conectar outros participantes distantes pela localização geográfica. Um exemplo disto foi o evento *TEDxAmazônia*, realizado em novembro de 2010. No meio da selva amazônica, em um hotel flutuante localizado a 45 minutos de Manaus (com acesso de barco), o *TEDx* reuniu, durante dois dias, quatrocentos pensadores de diversas áreas do conhecimento, para discutir temas relacionados à qualidade de vida das mais de cinco milhões de espécies que habitam o nosso planeta.

Através do perfil *@tedexamazonia*, os organizadores puderam compartilhar com os internautas o desenrolar das palestras que ocorriam no meio da floresta. Os seguidores do perfil *retwittavam* as mensagens recebidas da organização para sua própria rede, impactando certo número de *twitteiros*, estes faziam o mesmo e assim, sucessivamente, a mensagem do evento era propagada pelos quatro cantos do mundo. Além disto, os participantes do evento, pessoas presentes fisicamente às palestras, também colaboravam com a ideia, escrevendo suas próprias observações, comentando fatos e chamando outras pessoas para as discussões. Sinalizavam suas mensagens com a *hashtag* *#TEDxAM*. Assim como as primeiras, essas mensagens também se propagaram pela rede por meio de infindáveis *retwittes* criando uma onda de comunicações e significados que buscavam encontrar novas manifestações, ideias e colaboradores. Podemos aqui ver características do que Lévy (2003) define como “espaço do saber”. Para o autor, este espaço é o local da tomada de palavra contínua, capaz de mudar a realidade. O autor complementa dizendo:

No espaço do saber, os intelectuais coletivos reconstituem um plano de imanência da significação no qual os seres, os signos e as coisas voltam a encontrar uma relação dinâmica de participação recíproca, escapando às separações do Território, assim como aos circuitos espetaculares da Mercadoria. (LÉVY, 2003, p. 145).

O *Twitter* proporcionou a descentralização da forma de compartilhar o conhecimento. Tornou a comunicação agregativa, solidária, colaborativa. A rede proporciona esses espaços, criando laços entre desconhecidos que compartilham os mesmos interesses. Outros espaços colaborativos vêm surgindo, cada qual com

suas características específicas. Muitas dessas manifestações podem ser vistas no domínio da arte.

Um importante grupo de arte colaborativa é o dinamarquês *Superflex*, que surgiu no início dos anos 1990. O grupo se mobiliza para elaborar projetos de arte relacionados às mais diversas questões sociais, sejam elas de cunho econômico ou sobre métodos de produção de energia, entre outras. Suas obras já foram vistas na Europa, Ásia e Américas. No Brasil, os artistas, juntamente com produtores de guaraná da Amazônia, criaram o projeto *Guaraná Power*, no qual eles expuseram as discrepâncias existentes no processo de exploração comercial do produto, propondo uma alternativa para esta relação comercial. Por meio deste projeto, em 2004, nasceu a *Fundação Energia (Power Foundation)*, responsável tanto por coordenar as atividades do grupo, quanto por garantir que os produtores amazonenses pudessem receber uma remuneração justa pela produção da fruta e sobre o lucro das vendas da bebida.



Figura 6: Logo e imagens do projeto Guarana Power criado pelo grupo dinamarquês *Superflex*, em parceria com produtores amazonenses

Mais uma vez, recorrendo a Lévy, o autor afirma que esse tipo de reconhecimento do trabalho permite a mobilização de uma comunidade. No caso dos produtores amazonenses, eles deixaram a condição de explorados, para se tornarem agentes da mudança social dentro da própria comunidade, empenhados em valorizar, não só suas identidades sociais, como sua capacidade de preservar e difundir o conhecimento adquirido no manejo da floresta.

Todos reconhecem que o melhor uso que podemos fazer do ciberespaço é colocar em sinergia os saberes, as imaginações, as energias espirituais daqueles que estão conectados a ele. Mas em que perspectiva? De acordo com qual modelo? Trata-se de construir colméias ou formigueiros humanos? Desejamos que cada rede dê à luz um “grande animal” coletivo? Ou o objetivo é valorizar as contribuições pessoais de cada e colocar os recursos individuais a serviço do grupo. (LÉVY, 2000, p.131).

Colaboração é o que se espera dos usuários quando se coloca uma questão ou uma ideia para serem debatidas na rede. De acordo com Almeida (2001), “o homem apreende a realidade por meio de uma rede de colaboração na qual cada ser ajuda o outro a se desenvolver, ao mesmo tempo em que também se desenvolve”. A autora concorda com Paulo Freire (1993), quando ele afirma que “ninguém educa ninguém, tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1999, p.9).

Giselle Zamboni é realizadora de diversos projetos voltados às redes sociais. O *blog Seres Coletivos* foi seu primeiro trabalho. O blog reunia atividades relacionadas à literatura de quem ela seguia e por quem ela era seguida, dentro do *Twitter*. O próprio nome do *blog* surgiu no microespaço. Em uma enquete feita para escolher o nome do *blog*, o *twitter* @Be_Neviani criou uma hashtag denominada *#blogcoletivo*, sendo este adotado imediatamente pelo grupo. A experiência durou 11 meses, período no qual os 1.200 *posts* do *blog* foram acessados mais de 30 mil vezes. Giselle nunca teve a intenção de administrar um *blog*; seu interesse era a ideia de uma comunidade que pudesse se manter por conta própria. As trocas de experiências originárias deste espaço permitiu a Giselle elaborar um novo projeto coletivo. A autora criou a *hashtag* *#Letras365*, que chamou de *Comunidade Interativa Literária*. O projeto recuperou o apelo inicial criado pelo *blog*, um ambiente de troca de ideias sobre literatura, mas que se mantém independente da vontade de sua criadora. A comunidade sobrevive pela própria comunidade. Segundo Giselle, “Acho que o *Twitter* permite a solidarização de conhecimentos, anseios,

preocupações, chateações, alegrias... e mais, o encontro de seres pensantes, viventes e agentes!!!²²

As gerações atuais são sedentas por tecnologia. A denominada *Geração Y* nasceu inserida em um mundo caracterizado pelas redes sociais e pela conectividade. Eles são parte destes aglomerados e interagem com seus amigos reais e virtuais da mesma maneira, sem distinção com relação à distância que os separam ou mesmo ao idioma que falam. São capazes de colaborar e se expressarem por meio de seus dispositivos eletrônicos, absorvendo informações em quantidade nunca antes imaginada por qualquer outra geração. Para *André Lemos*:

A cultura digital pós-massiva estabelece processos de mão-dupla, aumentando a possibilidade efetiva de ocorrência de fenômenos comunicativos. A diferença existente em relação aos meios massivos é que nestes o território é, na maioria das vezes, um espaço privado (ou semiprivado) e o consumo da informação se dá de forma unidirecional, apenas como recepção, sem mobilidade. Hoje, o território digital cria uma zona dentro de outros territórios onde é possível acessar, produzir e distribuir informação, de maneira autônoma, estabelecendo redes colaborativas e processos comunicativos mais complexos. Assim, qualquer indivíduo pode fazer fotos ou um vídeo pelo celular e rapidamente enviar para sua comunidade no YouTube, Orkut ou blog. Essa gestão do fluxo da informação é incontrolável (a priori) pelo território físico onde se dá a conexão. (LEMOS, , 2009, p 45).

Estes indivíduos multitarefas podem, com precisão, realizar diversas atividades simultâneas, sem perderem a linha de raciocínio, objetividade ou mesmo produtividade. Pertencem a um mundo mais que conectado/codificado (FLUSSER, 2007) e utilizam seus conhecimentos da rede para criarem novos laços e comunidades, com o intuito de estarem sempre informados sobre o que ocorre ao seu redor.

As diversas competências adquiridas pelos indivíduos de acordo com seus percursos singulares virão alimentar as memórias coletivas. Acessíveis on-line, essas memórias dinâmicas com suporte digital servirão em contrapartida às necessidades concretas, aqui e agora, de indivíduos e de grupos em uma situação de trabalho ou de aprendizagem (é o mesmo). (LÉVY, 1999, p. 174).

²² Encontro de Twitteiros Culturais, em comentários. Disponível em <<http://www.etcbrasil.com.br/sobre/>>. Acesso em 29Ago 2011.

O pertencimento do indivíduo dentro da rede, acrescido da habilidade adquirida desde o início de sua educação, facilita sua integração às novas tecnologias, permitindo que o ato de buscar respostas para seus questionamentos, dentro de um ambiente colaborativo, gere novas combinações de ideias, de forma que o novo seja mais um elo na grande manifestação de pensamento coletivo presente na rede.

Em artigos publicados na mídia impressa, pesquisadores expõem seus pontos de vista quanto à necessidade de uma nova modalidade de ensino. As modalidades aplicadas até então nos séculos 19 e 20, que ainda tendem a se manterem nos dias atuais, não condizem com a nova realidade de conhecimento em que os alunos estão inseridos. Cursos preparatórios para vestibulares, especializados em treinar o estudante para a resolução de uma única prova, bem como a própria graduação universitária, que pretende preparar as pessoas para a vida profissional, não consideram os saberes adquiridos de uma nova realidade. São especialistas em transferir “informações” por um processo denominado “bancarismo” (FREIRE, 1996).

É preciso imaginar modos de reconhecimento dos saberes que possam prestar-se a uma exposição na rede da oferta de competência e a uma conduta dinâmica retroativa da oferta pela demanda. A comunicação através do ciberespaço pode ser bastante útil nesses sentidos. (LÉVY, 1999, p.176).

Muitos profissionais reconhecidos pelo seu trabalho são enfáticos ao dizerem que a educação formal em todos os níveis não foi determinante para suas conquistas profissionais, destacando até que, grande parte deste “conhecimento” adquirido em sala de aula, mais atrapalhou do que ajudou em suas tomadas de decisões. Segundo Lévy,

É evidentemente para esse novo universo do trabalho que a educação deve preparar. Mas, simetricamente, é preciso admitir também o caráter educativo ou formador de numerosas atividades econômicas e sociais, o que certamente coloca o problema de seu reconhecimento ou validação oficial, o sistema de diplomas parecendo cada vez menos adequado. (LÉVY, 1999, 176).

Atividades informais são, em grande parte, responsáveis pelo conhecimento realmente relevante quando falamos em carreira profissional. Vemos isto quando constatamos o grande número de pessoas trabalhando em atividades ligadas às redes sociais. Este aprendizado não foi adquirido de forma tradicional. As escolas ainda não ensinam seus alunos a se relacionarem nas redes sociais e a trabalharem colaborativamente. Este conhecimento é totalmente não acadêmico, aprendido com o dia a dia de uma geração que passa grande parte de seu tempo conectada às mais diversas formas de relações virtuais. O *Twitter* permite que esta geração interaja com o mundo por meio de seus variados *gadgets*. O espaço físico deixou de ser um entrave para a comunicação, permitindo a troca de informações dentro de um lotado estádio de futebol ou mesmo numa remota ilha perdida no meio do oceano Pacífico. A mobilidade adquirida com o advento destes *gadgets* definiu uma nova forma do ser humano se comunicar, livre das amarras de tempo e espaço até então existentes no passado. O intelecto coletivo presente na rede define seu próprio espaço e tempo (LÉVY, 2003), dando novas características e novas significações para estas trocas de conhecimentos dentro do microespaço.

3. COGNIÇÃO NA REDE

3.1. Comunicar

*Comunicação:
Movimento da informação
McLuhan (2001, p.107)*

Em 1948, o cientista político *Harold Lasswell* propôs um estudo, afirmando que toda mensagem produz sensações diferentes em cada indivíduo. Esta visão de comunicação do autor se contrapunha a da teoria “hipodérmica”, desenvolvida nos anos 30, segundo a qual, qualquer mensagem criada pela mídia era absorvida em igual proporção por qualquer indivíduo. *Lasswell* analisou o conteúdo da mensagem através das seguintes perguntas: (a) Quem? (b) Diz o quê? (c) Em qual canal? (d) Para quem? (e) Com quais efeitos?

A visão de *Lasswell* coloca o receptor como agente da comunicação, juntamente com a mensagem e o emissor, tornando-o objeto de análise e não, como acontecia até então, um componente de um ser maior, a sociedade. A relação existente entre comunicação e socialização é discutida por *Bordenave*. Para este autor,

A comunicação foi o canal pelo qual os padrões de vida de sua cultura foram-lhe transmitidos, pelo qual aprendeu a ser ‘membro’ de sua sociedade – de sua família, de seu grupo de amigos, de sua vizinhança, de sua nação. (BORDENAVE, 1997, p.17).

Ainda segundo *Bordenave*, a comunicação é algo inerente ao ser. Graças à comunicação o homem faz parte da organização social. O autor vai ainda mais longe ao dizer que a comunicação é uma necessidade básica do cidadão:

A comunicação confunde-se com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por um acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar [...]. A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social. (BORDENAVE, 1997, p.17).

Em discordância a esta posição, *Flusser* afirma que a comunicação humana é um processo artificial, diferente do observado em outros animais, a exemplo do canto dos pássaros e da dança das abelhas. O ser humano criou códigos, através da fala, para que seu processo comunicacional pudesse ser melhor compreendido. Este conceito aqui apresentado caracteriza a teoria da comunicação nas áreas de humanidades em detrimento às ciências naturais.

Apesar da comunicação artificial criada pelo homem e transmitida culturalmente, muitos gestos desenvolvidos no decorrer do tempo, foram ignorados. São gestos mecanizados que, intrinsecamente, passaram a fazer parte do ser humano, como se fossem características herdadas geneticamente. Um mover de cabeça, significando “sim” tornou-se tão natural e relevante quanto um batimento cardíaco. Para *Flusser*, o mundo codificado em que vivemos nos faz esquecer o mundo da primeira natureza, animal (se assim pudermos dizer). Fizemos deste mundo de códigos criados pelo homem, nossa natureza primaz, esquecendo que temos uma comunicação artificial e que somos seres sozinhos e incomunicáveis.

O caráter não natural desse fenômeno, que se manifesta sob a perspectiva da interpretação, ainda não foi compreendido com artificialidade de seus métodos (a produção intencional de códigos). A comunicação humana é inatural, contranatural, pois se propõe a armazenar informações adquiridas. Ela é “negativamente entrópica”²³. Pode-se afirmar que a transmissão de informações adquiridas de geração em geração seja um aspecto essencial da comunicação humana, e é isso sobretudo, que caracteriza o homem: ele é um animal que encontrou truques para acumular informações adquiridas. (FLUSSER, 2007, p.93).

Esta posição de *Flusser* é contestada por alguns autores por uma questão de definição do termo. O ser humano tem uma comunicação natural sim (VIEIRA, 1999), exatamente em razão da evolução. Temos uma aquisição recente neocortical distorcida, mas conhecimento tácito, linguagens gestuais, corporais, faciais, tudo isto

²³ Outra questão delicada abordada por *Flusser* é a “negatividade entrópica” (*NegEntropia*). Segundo *Shannon*, não há entropia negativa, a entropia mais baixa que existe é zero, o que pressupõe gramática total, organização máxima. Na natureza, a maioria dos sistemas trabalha com entropia mediana (parte para auto-organização). Um conceito *shannoniano* para *NegEntropia* é a variação negativa da entropia. Para o autor, as duas entidades são sempre positivas como no exemplo (+2)-(+4) = (-2). Todo processo de auto-organização exige uma reserva de entropia (uma certa desorganização) para se organizar. “Organização é um tipo de evolução”. Evolução genericamente é transformação. Podemos tratar aqui entropia como um tipo de complexidade associada à desorganização (organização é outro tipo de complexidade).

pode passar pelo código genético. Tudo natural, nada contranatural. Complementando o pensamento, segundo *Morin*, o ser humano teve que partir de uma condição protossocial. A protossociedade que gerou o hominídeo e não o contrário. *Maturana* e *Varela* esclarecem este ponto abordando a questão da conduta inata e da conduta adquirida. Para os autores, algumas condutas são determinadas geneticamente, relacionadas a sua espécie.

Notem bem que as condutas inatas e as adquiridas são, como condutas, indistinguíveis em sua natureza e realização. A distinção está na história das estruturas que as tornaram possíveis e, portanto, só poderemos classificá-las como uma ou outra se tivermos acesso à história estrutural pertinente. Não podemos fazer tal distinção observando o operar do sistema nervoso no presente. (MATURANA, 1995, p 199)

Piaget descreve a comunicação humana como composta de um conjunto de símbolos/códigos que facilitam a intercomunicabilidade. A falta destes códigos deixaria a comunicação no seu estado *lato*, sem a possibilidade de seguir seus dois caminhos prováveis: (a) encontrar uma nova informação para se condensar e se transformar em algo novo ou mesmo se tornar mais, (b) encontrar um novo receptor que possa perpetuar a informação, para que esta não fique presa, emparedada nos confins do consciente individual do ser.

Porque sem o sistema de expressão simbólico que a linguagem constitui, as operações permaneceriam no estado de ações sucessivas sem nunca se integrarem em sistemas simultâneos ou que abarcaram simultaneamente um conjunto de transformações solidárias. Sem a linguagem, por outro lado, as operações permaneceriam individuais e ignorariam, por conseguinte, esta regulamentação que resulta da troca interindividual e da cooperação. (PIAGET, 1954)

Para *Piaget*, este caminho da comunicação deixa de lado o saber individual, a característica do indivíduo e suas particularidades.

Flusser define esses dois caminhos possíveis de comunicação como *comunicação dialógica* e *comunicação discursiva*. No primeiro caso, o homem produz informações para trocar com seu semelhante, com o objetivo de gerar uma nova informação. Já a comunicação discursiva acontece quando o homem troca

informação na esperança de perpetuá-la, resistindo ao efeito entrópico da natureza de preservação da comunicação.

As duas formas de comunicação não existem isoladamente, estão sempre juntas e são parte do processo comunicacional. A existência de um diálogo precede a recepção pelos emissores de discursos anteriores, demonstrando o aspecto relacional da comunicação. Isto é o que se dá no *Twitter*, mensagens oriundas das mais diversas fontes são trocadas, criando um diálogo com a participação de vários interlocutores presentes na rede. Ninguém é considerado detentor do conhecimento (aqui, a figura que caracteriza o indivíduo detentor do conhecimento é deixada de lado, criando uma “democracia” do conhecimento), todos podem se expressar gerando uma grande onda comunicacional, aproveitando todos os saberes. A troca de informações entre os membros, sua complementariedade e o ambiente colaborativo são características que tornam o *microblog* um ambiente propício para a propagação do conhecimento.

A existência do discurso depende de informações recepcionadas pelo emissor num diálogo anterior. Apesar disto, há uma grande diferença entre discurso e diálogo. Exemplo disto é o que podemos ver em determinadas salas de aula. O educador *Paulo Freire* já mostrava, ainda que não explicitamente, uma grande diferença na abordagem do discurso dos professores. As escolas estão repletas de educadores “discursivos”, donos da verdade que se prestam apenas a expor o conteúdo imposto pelo sistema, para que, desta maneira, formem-se alunos pré-moldados, criados sempre à mesma imagem e semelhança. Para *Freire*, o mestre deveria

respeitar o saber dos alunos, principalmente os mais simples [...] Porque não aproveitar a experiência que tem os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos. (FREIRE, 1996, p.16).

Isto significa aprender com o aluno e discutir em sala de aula conteúdos relevantes àquela comunidade. *D'Ambrosio* diz que “..ou se é mestre na totalidade e se fala de tudo, ou se é meramente repetidor de teorias feitas e congeladas, como um bom CD-ROM” (D'AMBROSIO, 2009, p. 87). Retomando *Freire*, para o

educador, ensinar exige disponibilidade ao discurso dialógico, à troca de ideias e ao debate de temas:

Me sinto seguro porque não há razão para me envergonhar por desconhecer algo. Testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, a seus desafios, são saberes necessários à prática educativa. Viver a abertura respeitosa aos outros e, de quando em vez, de acordo com o momento, tomar a própria prática de abertura ao outro como objetivo da reflexão crítica deveria fazer parte da aventura docente. A razão ética da abertura, seu fundamento político sua referência pedagógica; a boniteza que há nela como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. (FREIRE, 1996, p.86).

Para *Freire*, este dialogismo apresentado por *Flusser* é essencial para o crescimento de professor e aluno. Este, por saber questionar e ter um pensamento elaborado e investigativo mais apurado, aquele, por buscar conhecimento oriundo da realidade de seus estudantes, mostrando uma visão crítica frente às dificuldades enfrentadas no dia a dia das comunidades, em especial aquelas carentes. No *Twitter* não temos a figura do professor, o conhecimento se dá na própria rede. Todos os seres conectados desempenham os dois papéis, ensinando e aprendendo com a rede. O diálogo refinado, com troca de conhecimento, faz parte do que esta dissertação busca encontrar no microespaço.

Através da comunicação, é possível obter um comportamento ético dos indivíduos, na execução da ação comum. A estratégia que as sociedades criaram para facilitá-la é o que chamamos de educação. Assim, os componentes essenciais na educação são a comunicação e a ética. A educação tem como objetivo maior a elaboração de mecanismos de comunicação que possibilitem a ação comum, subordinada a uma ética aceita por todos os atores. (D'AMBROSIO, 1997, p.141)

3.2. Informar, conhecer, aprender

Informação, segundo *Warren Weaver*, é o grau de liberdade ao se selecionar uma mensagem. Não a seleção de uma mensagem específica, mas sim, um processo para a seleção de qualquer mensagem existente. Para *Weaver*,

informação não pode ser confundida com significação, uma vez que, não é relevante para a questão técnica da informação.

Frequentemente, as mensagens tem significado; isto é, elas se referem a, ou estão correlacionadas de acordo com algum sistema com certas entidades físicas ou conceituais. Estes aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para o problema de engenharia. (SHANNON, 1975, p. 1).

Epstein define informação como “uma redução de incerteza, oferecida quando se obtém resposta a uma pergunta”. (EPSTEIN, 1986, p. 35) Os autores *Fenzl* e *Hofkirchner* (2005), analisam a informação com a questão da novidade. Para eles, “o conceito de informação está intimamente relacionado com a ideia de transformação, emergência da novidade”.²⁴ (FENZL, 2001, p.6).

O que queremos demonstrar é que o *Twitter* não é ambiente apenas de acúmulo de informações. É possível, através do *microblog*, adquirir algo mais. Mensagens relacionadas ao dia a dia dos usuários da rede podem ser consideradas acúmulo de informação, caso estas despertem o interesse do receptor por este conteúdo e o mesmo lhe seja relevante. Agora, adquirir conhecimento, conteúdo de importância tácita, é a busca do *Eldorado*, a procura de algo que realmente faça diferença e seja útil no desenvolvimento de novos conceitos. Na definição de *D'Ambrosio*,

O que caracteriza a vida é a ação. Na nossa espécie, a ação é subordinada às forças de sobrevivência e de transcendência. É deflagrada a partir de informações fornecidas pela realidade, que, uma vez processadas, definem estratégias para a ação. Toda ação no ser humano é inteligente, amparada por uma estratégia. Tem um objetivo, obedece a uma vontade. O auge do ser humano é estar no controle de todas as suas ações. A evolução da vida de cada indivíduo é um crescimento em direção a esse controle. Essas estratégias resultam do processo de informações fornecidas, continuada e incessantemente, pela realidade. (D'AMBROSIO, 2009, p.139).

Esta última explicação pode ser melhor associada à questão do conhecimento, uma vez que trata do conceito subjetivo de informação. Aqui a ignorância do sujeito é relevante. Para *Edgar Morin*, o pensamento complexo deve

²⁴ No original “(...), the concept of information is closely connected with the concept of emergence of novelty”.

ser capaz de administrar a incerteza. Segundo o autor, é possível encontrar estratégias para lidar com esta incerteza e alcançar resultados de grande precisão em termos de conhecimento. De acordo com *Morin* “o conhecimento não é senão uma tradução, uma reconstrução”. (MORIN, 1998, p. 6). O pensador entende que não existe uma separação entre o conhecedor e o objeto do conhecimento e continua,

Não conhecemos a essência das coisas exteriores. Sabemos das coisas objetivas, que podemos confirmar, mas não há conhecimento sem integração do conhecido. Essa circunstância vale também para os fenômenos sociais e humanos. (MORIN, 1998).

Esta visão relacionada ao conhecimento traz consigo o problema do erro. Conhecimento mediado pelo indivíduo, pelo ser, é maculado por toda a bagagem cultural que este indivíduo carrega desde seu nascimento, seja ela de cunho religioso ou oriunda dos contextos social e histórico dos quais a pessoa faz parte. Inclusive, o contexto histórico é muito relevante, quando não destacado na explicação de determinadas questões. *Morin* diz:

[...]o ensino por disciplina, fragmentado e dividido, impede a capacidade natural que o espírito tem de contextualizar. E é essa capacidade que deve ser estimulada e desenvolvida pelo ensino, a de ligar as partes ao todo e o todo às partes. Pascal dizia, já no século XVII: “Não se pode conhecer as partes sem conhecer o todo, nem conhecer o todo sem conhecer as partes. (MORIN, 2001, p.4)

O conhecimento é característica inata que precisa ser adubada a ponto de florescer dentro do ser. Conhecer e compreender (aprender) são direitos do cidadão e deveres do educador. A palavra compreender vem do latim, *comprehendere*, que quer dizer: colocar junto, unir, incluir todos os elementos de explicação, ou seja, não ter apenas um elemento de explicação, mas diversos. O microespaço aqui apresenta sua característica mais fundamental. Por meio da rede é possível recorrer a um sem número de utilizadores e, com base em um questionamento correto e e um discernimento no recebimento das respostas (afinal, o microespaço é um universo aberto e democrático livre para o mundo), receber as mais diversas

explicações sobre determinado tema. *Almeida* (2001) faz a seguinte descrição sobre conhecimento em rede.

A metáfora de rede considera o conhecimento como uma construção decorrente das interações do homem com o meio. À medida que o homem interage com o contexto e com os objetos existentes, ele atua sobre esses objetos, retira informações que lhe são significativas, identifica estes objetos e os incorpora à sua rede, transformando o meio e sendo transformado por ele.

O uso da TIC na criação de rede de conhecimentos traz subjacente à provisoriedade e à transitoriedade do conhecimento, cujos conceitos articulados constituem os nós dessa rede, flexível e sempre aberta a novas conexões, as quais favorecem compreender problemas globais e fundamentais para neles inserir os conhecimentos parciais e locais. (ALMEIDA, 2001, P1)

Estas novas descobertas nos levam para o caminho da incerteza. Voltando ao pensamento de *Morin* (1998), o autor diz que para conhecermos algo é necessário que criemos traduções dos temas pesquisados. Somos levados a pensar que nem toda a tradução é reflexo de seu original e que, em suas interpretações, utilizamos nossos julgamentos de percepções, podendo seguir por caminhos distantes das condições de origem do objeto em questão. Isto nos traz, mais uma vez, a questão da incerteza. Aqui surge o dilema: no passado fomos treinados a ponto de, atualmente, sermos capazes de lidar com a incerteza? Estamos seguros de que as mensagens que captamos dentro da rede, onde qualquer usuário pode expor seus pensamentos e compartilhar o seu dito “conhecimento”, são realmente fidedignas? Podemos considerar que estas mensagens correspondem à realidade do tema pesquisado? Até que ponto podemos tratar como relevantes as informações captadas por *insights* de usuários do *microblog* e que nos chegam como *flashes* comunicacionais? Estes usuários têm consciência de que sua informação será utilizada para o desenvolvimento de uma nova cognição, criando continuidade entre as informações captadas no espaço e a construção de estruturas de comunicação?

Retomamos aqui a questão do aprendizado. A partir de uma livre interpretação, podemos definir a incerteza como o inesperado, e o fato de estarmos aptos para lidar com estes tipos de eventos, nos prepara melhor para a tarefa do conhecimento, como diz *Morin*:

É necessário tomar consciência de que as futuras decisões devem ser tomadas contando com o risco do erro e estabelecer estratégias que possam ser corrigidas no processo da ação, a partir dos imprevistos e das informações que se tem. (MORIN, 2001, p.10)

O microespaço é caracterizado pela não existência de um filtro relacionado ao conteúdo das informações que nele são *divulgadas*. Podemos receber mensagens originadas de três diferentes fontes; conhecê-las nos auxilia no processo de discernimento de seu conteúdo. As mensagens podem ser trocadas da seguinte maneira:

1) de usuário para usuário, numa comunicação direta, a exemplo dos *chats*

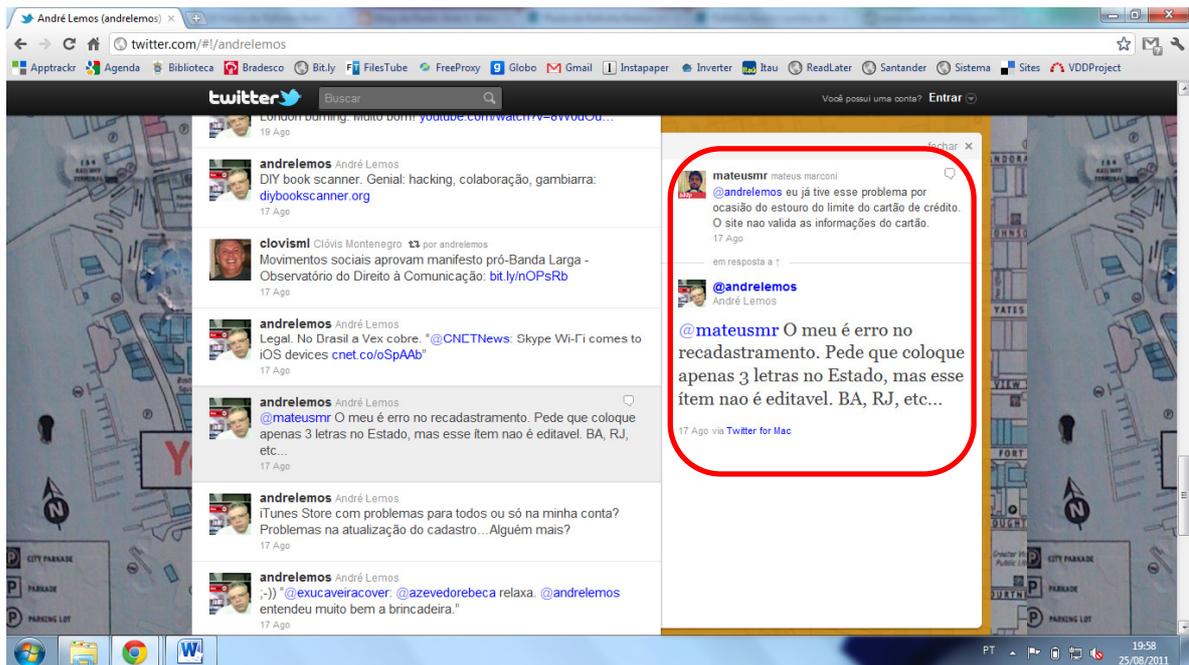


Figura 12: Imagem de perfil de @andrelemos em conversa com @mateusmr. Acesso em 25 Ago 2011.

2) mensagens publicadas por um usuário que serão recebidas por um seguidor deste primeiro.



Figura 13: Imagem de página do perfil @BarackObama, direcionada aos seus mais de 9 milhões de seguidores. Acesso em 25Ago 2011.

3) mensagens marcadas pelas #hashtags, já comentado anteriormente:

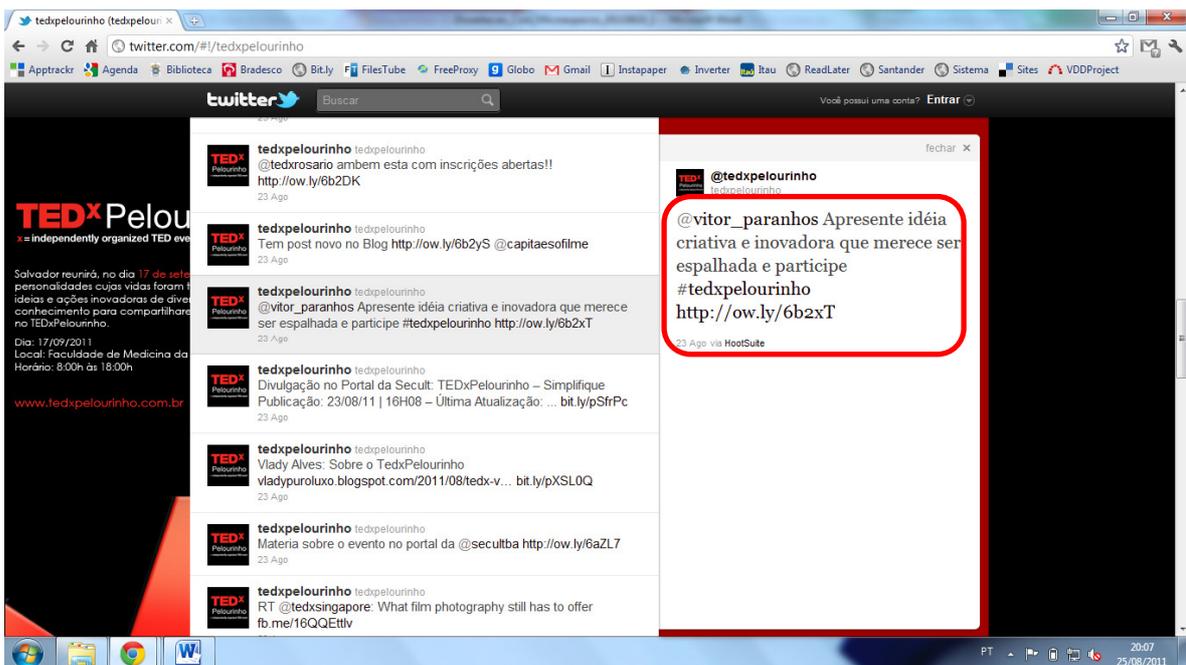


Figura 14: Imagem da hashtag #tedxpelourinho. Acesso em 25Ago 2011.

Analisadas estas características, temos que ser capazes de lidar com a infinidade de informações oriundas desse universo, uma vez que, no início do questionamento, já havíamos tomado um caminho e, por menor que fosse, uma ideia de onde esta questão poderia nos levar. Esta particularidade do pensamento, denominada indução, é o que torna as ciências normativas relevantes. A partir do pensamento indutivo podemos por em questão a hipótese inicial e, por meio dos resultados empíricos (no caso desta dissertação, estes resultados são substituídos pelos oriundos do microespaço), validar ou não a nossa proposição. Esta validação da informação, pela proposição de hipóteses e a busca por suas respostas, é característica do pensamento científico. Como definido por *Peirce* (2003), testar uma hipótese é condição de definição para se assumir algo como relevante e coerente. Não se espera de qualquer teoria geral que ela ensine aos homens métodos de resolução de problemas que lhes são familiares; mas, em relação àqueles diferentes do padrão, “é notável como não apenas espíritos comuns, mas também aquelas mentes do maior grau de perfeição hesitam e se mostram tão desprevenidas”. (PEIRCE, 2003, p. 35).

A informação recebida pelo usuário “seguidor” pode ser imediatamente questionada e colocada como uma nova questão a ser debatida. A rede permite que os debates sejam estabelecidos ainda que, não necessariamente, o idealizador do primeiro questionamento seja o responsável pelo seu prosseguimento. Esta fluidez de informações, independente de sua origem, cria uma rede de comunicação metaforicamente semelhante às sinapses cerebrais. O recebimento de uma informação por um usuário da rede imediatamente desperta a reação de um ou mais participantes, e assim sucessivamente, gerando uma sinapse virtual, que não encontra limites, não tem a barreira do tempo, nem do espaço. Uma discussão iniciada hoje pode ser retomada em um momento futuro, bastando que um usuário da rede, um “neurônio virtual”, seja impactado pelo alcance da mensagem. A força e o alcance desta continuidade podem não ser os mesmos do início, mas podem desencadear outras discussões, abarcando para este entrelaçamento novos “neurônios” desta rede.

A quantidade infindável de respostas a uma questão inicial publicada no *Twitter*, bem como a necessidade de um aprofundamento nestes pequenos *insights* de 140 caracteres nos leva a (1) sendo este *insight* somente provido de texto, traduzir este pensamento, tentar compreendê-lo e, após esta conexão dos pensamentos, pesquisar sua fonte para que possamos nos aprofundar em um tema que, *a priori*, não parecia comum a nossa experiência prévia ou (2) por meio de um *insight* complementado por um *hiperlink*, sermos direcionados para uma página *web* e então julgarmos a validade/veracidade de suas informações; após isto, também podemos procurar, em fontes ditas eruditas, a confirmação deste pensamento. Esta é uma característica permanente do ambiente do microespaço. Assimilar informações que advêm de seus pequenos *posts* e, conseqüentemente, ir a outras fontes, em busca de mais informações e correlações referentes ao seu conteúdo, tendo como objetivo a compreensão completa do objeto pesquisado.

A partir da intercomplementaridade das mídias, é que o interesse despertado pelas informações colhidas dentro da rede das mídias pode levar o leitor a buscar um aprofundamento dessas informações num outro veículo tido como mais erudito, o livro, por exemplo. (SANTAELLA, 2000, p.38)

Como analisado no item 2.1, definida a sua característica “micro” e a brevidade das informações presentes livremente no meio, não podemos tachar de superficial ou mesmo de baixa qualidade o seu conteúdo. Um texto disposto num *microblog* advém, geralmente, de uma outra fonte, sendo assim condensado, sintetizado para se enquadrar nas características do suporte, do meio. *Santaella* reforça este pensamento:

(...) a condensação é um tipo de organização de linguagem que visa reter de uma mensagem apenas seus traços essenciais e fundamentais, o que, aliás, apresenta uma função altamente mnemônica e de retenção rápida da informação. Para o receptor desta mensagem, o que importa é saber absorver este conteúdo e se apropriar do mesmo utilizando o essencial da informação. (SANTAELLA, 2000, p.39)

Em outras palavras, esta quantidade de informação captada é que torna o microespaço consideravelmente relevante para a cognição.

Saber lidar com a diversidade de informações é característica da compreensão humana. Compreensão, segundo *Morin* (2001) comporta um elemento de empatia e identificação. Ainda de acordo com o autor, os educadores não se preocupam em ensinar esta compreensão, ainda mais nessa época em que vivemos, cada vez mais individualista, valorizando o egocentrismo, o egoísmo e a rejeição ao próximo.

Retomamos aqui a ideia do começo deste tópico. Informar, conhecer e aprender são características do ser humano. É o processo inicial para que exista a transformação do pensamento. A complexidade do conhecimento humano inclui saber assimilar a informação recebida, conhecer fatos relacionados a ela e aprender com isto.

Esta característica do *Homo Sapiens* é o que torna um ser capaz de transformar ideias em novos conceitos. Para a criação de conceitos é necessária a produção de uma nova gramática, gerada por meio da comercialização de signos (PEIRCE, 2003), na comunicação entre duas entidades, sendo, pelo menos uma delas, um ser humano. *Santaella* expõe este pensamento ao definir a inteligência e o conhecimento como processo simbólico, a autora sintetiza esta ideia com o suporte do pensamento de *Ouellet* (1989:2):

O primeiro é o de estabelecer que espécie de sintaxe, semântica e pragmática está implicada na linguagem natural e artificial do pensamento tal como se manifesta numa máquina ou no cérebro, o que significa que temos de investigar a natureza e o funcionamento dos tipos de signos envolvidos nos sistemas de representação simbólica, analisando os modos como esses signos (1) estão relacionados uns aos outros, (2) podem fazer sentido ao se referenciar ao mundo "externo" ou a representações "internas", tais como intenções, crenças, conhecimento etc., e (3) são usados por um agente (humano ou mecânico) como meio para alcançar alguma tarefa especial. Essa é a função teórica de uma teoria dos signos no contexto dos estudos cognitivos e da IA. (SANTAELLA, 2000, p.220).

Voltando à síntese do pensamento de *Shannon* de que *informação é uma redução de incerteza*, podemos aqui adaptar este pensamento por *informação é*

aquilo que reduz a incerteza e aumenta a certeza. Aumentar a certeza reforça uma proposição inicial intrínseca ao conhecedor, nos permitindo dizer aqui que a informação se trata de *um pedacinho de conhecimento*. Informação não pode ser tratada como conhecimento, uma vez que, esta nem sempre é assimilada e transformada em algo que possa a ser utilizado como característica de profundidade da elucidação.

Para *Maturana e Varela*, “Conhecer é ação efetiva, ou seja, efetividade operacional no domínio de existência do ser vivo.” (MATURANA, 1995, p. 71). Para os autores, conhecimento é uma condição existente em todos os seres vivos, desde a mais simples estrutura unicelular. Continuando, os estudiosos afirmam que o conhecimento é uma necessidade vital importante para a manutenção da vida individual, bem como da espécie, que, a propósito, é uma particularidade importante das culturas -- o conhecimento transmitido de geração a geração é uma forma de perpetuar a vida, de preservar as características culturais presentes na vida em comunidade. Os autores reforçam as características do conhecimento como:

I. Fenômeno a ser explicado: a ação efetiva do ser vivo em seu meio ambiente.

II. Hipótese explicativa: organização autônoma do ser vivo; deriva filogenética e ontogenética com conservação da adaptação (acoplamento estrutural).

III. Dedução de outros fenômenos: coordenação comportamental nas interações recorrentes entre seres vivos e coordenação comportamental recursiva sobre a coordenação comportamental.

IV. Observações adicionais: fenômenos sociais, domínios linguísticos, linguagem e autoconsciência.

Os avanços na informática – repositório de conhecimento – na biotecnologia – patenteamento de formas de vida – e na engenharia genética – traçado do genoma humano – conduzirão à percepção de um macrocosmos orgânico que recaptura os ritmos da vida. Permitirão ao ser humano reintegrar-se na natureza, restaurando seu relacionamento com a vida como um todo. (D'AMBROSIO, 1997, P.54).

Este *pedacinho de conhecimento* se soma ao conhecimento inato existente em todos os seres humanos. Para *Morin*, “[...] este conhecimento depende de múltiplas condições socioculturais, e, em retorno, condiciona essas condições” (MORIN, 1998, p.33). Conhecimento depende então de uma bagagem cultural inata ao ser. É este o elo que utilizamos para conectar conhecimento à aprendizagem (conforme exemplificado acima por *Freire*).

Entendemos por conduta cultural a estabilidade transgeracional de configurações comportamentais adquiridas ontogenicamente na dinâmica comunicativa de um meio social. (MATURANA, 1996, p.226).

Cultura é definição de característica herdada do ambiente. Seja ele genético ou geográfico. O ser humano é permeado pelo meio em que vive. Manifesta características de semelhança com o seu invólucro social, criando laços de afinidades e conexões duradouras com o próximo. Traz o indivíduo para o convívio social, resgatando uma programação que foi soldada em seu código genético quando de sua concepção. A rede proporciona que este indivíduo, mesmo isolado em seu ambiente característico, de maior familiaridade, possa se conectar e estabelecer laços de afinidade com outro indivíduo. Esta relação é capaz de gerar uma nova criatura, sem perder suas características principais, dotada de uma outra condição sociocultural. *Morin* compartilha desta ideia quando diz que somos seres trinitários, triplos em um só.

Devo indicar, neste momento da minha exposição, que o pensamento complexo nos abre o caminho para compreender melhor os problemas humanos. Em primeiro lugar, não devemos esquecer que somos seres trinitários, ou seja, somos triplos em um só. Somos indivíduos, membros de uma espécie biológica chamada Homo Sapiens, e somos, ao mesmo tempo, seres sociais. Temos estas três naturezas numa só. Penso que é importante sabê-lo porque, de uma maneira geral, o nosso modo de pensamento mais habitual nos torna difícil conceber um elo entre estas três naturezas e saber se existe unidade na humanidade ou diversidade, heterogeneidade e, conseqüentemente, ausência de unidade. (MORIN, 2003, p.5).

Cultura, segundo *Maffesoli* (2004) é a atmosfera que envolve o indivíduo. “É, no fundo, o que a gente suga no leite materno, com o qual a educação nos impregna, mesmo aquela da universidade, na qual uma cultura que nos modela”. (MAFFESOLI, 2004, p.24). Este indivíduo é permeado e caracterizado por laços culturais oriundos do ambiente em que está inserido. A cultura define as características de cada ser, o que estreita laços de afinidade com seus semelhantes e também os diferencia no meio de diversos outros indivíduos. Conforme *Morin*, somos seres trinitários nos dá características de identificação em relação a nossa *persona*, nossa consciência íntima, quando o autor diz que somos indivíduos, nos impregna a característica biológica, ao fazermos parte da espécie *Homo Sapiens* e, o mais relevante para nossa pesquisa, somos seres sociais, o que nos imprime características de relação com o próximo, necessidade de conexão com outro indivíduo para que possamos nos desenvolver dentro de uma comunidade, dentro da sociedade.

3.3. 0+0=1

Como um pequeno espaço de 140 caracteres é capaz de, em sua diminuta dimensão, ser responsável pela produção de novos significados? O que é necessário fazer para que conceitos sejam ampliados através deste escasso universo?

Produzir conhecimento significa a construção de novas conexões mentais. Ser capaz de dar uma outra forma à informação que foi adquirida. Informação esta captada no microespaço, um espaço criado com o intuito de propiciar a facilidade na troca de informações, por meio de um design específico para este fim e a colaboração existente entre os membros da rede, usuários presentes no ambiente e dispostos a compartilharem seus conhecimentos, criando os laços de cognição.

De quem é a autoria desta nova criação? Quem é o responsável por determinadas produções oriundas da rede? A *Wikipedia*, enciclopédia *online* livre, criada no início de 2001 a partir do conhecimento de seus próprios usuários, sofre

com problemas relacionados à fonte de suas publicações. Apesar de grande parte da comunidade ter o interesse em compartilhar um conteúdo de relevância, alguns artigos contêm dados que nem sempre são condizentes com a realidade dos fatos expostos em seus conteúdos, levando o pesquisador a, muitas vezes, colher informações sem relevância. Outra questão é a disputa de pontos de vistas relacionados a temas controversos. Seguidores de correntes com diferentes pensamentos disputam dentro da comunidade a autoria de suas teses, alterando conteúdos expostos por outros usuários (a *Wikipedia* permite que qualquer pessoa, mediante o cumprimento de certas exigências da ferramenta, altere o conteúdo presente na enciclopédia, não importando se foi o autor inicial da questão), causando muitas vezes uma dificuldade na interpretação dos assuntos. Produzir conhecimento não é só escrever um ponto de vista; envolve a pesquisa dos fatos, apuração de conteúdo e exploração, muitas vezes empírica, dos resultados. A rede proporciona o máximo de possibilidades de exploração da informação, permitindo que a troca de informação com diferentes interlocutores crie um cenário de comparação dos fatos analisados e colaborando para que a apuração da matéria seja mais relevante, quando de sua criação.

Como vimos no exemplo do *qotd*, experiência utilizada pelo economista *Umar Haque*, o pesquisador capta as respostas aos seus questionamentos disparados na rede, seleciona as que lhe pareçam mais adequadas àquele momento e as devolve à comunidade, para que sejam novamente acessadas pelos seus colaboradores, no intuito de explorarem ao máximo suas possibilidades, permitindo assim a elaboração de um artigo com maior precisão na explanação de seus pontos de vista. Por ser um ambiente aberto, o *qotd* recebe respostas dos mais diferentes tipos de usuários, sejam eles *Phds* ou mesmo leigos no assunto. *Lemos* analisa a experiência da seguinte maneira:

No qotd, a ideia vinda de Haque aparece lado a lado e em pé de igualdade com ideias de estudantes, estagiários, designers, autodidatas e ilustres desconhecidos. É apenas a qualidade e o valor da ideia em si que determina ou não sua adoção pela comunidade, e é também a partir da divulgação e produção continuada de ideias de qualidade que um usuário se torna conhecido e respeitado dentro da comunidade. (LEMOS, 2010, p.235).

Podemos tratar as experiências na produção de conhecimento como características dos sistemas vivos. Segundo *Vieira* (1999), levando em conta que somos um sistema aberto, apto a interagir com outros, temos a capacidade de criar novas funcionalidades -- diferentes das funcionalidades apresentadas isoladamente por cada sistema --, capazes de gerarem características inéditas, atributos de um novo sistema nascido a partir da integração de outros. Os sistemas isolados não deixam de existir, continuam a apresentar suas particularidades iniciais, só que agora, colaborando um com o outro, se transformam. *D'Ambrosio* (2009) relata em seu texto que a vida é ação. Para o autor,

(...)estes sistemas passam a prover a troca de relações determinadas por diferentes características do ser, criando laços de complementariedade entre os saberes inerentes a espécie juntamente com os saberes adquiridos com o desenrolar do desenvolvimento do ser humano, o que caracteriza, de forma cada vez mais arraigada e madura, as transições que levam o ser a possuir determinadas formas de complementariedade e significação perante o seu semelhante. (D'AMBROSIO, 1997).

Por sermos sistemas, somos providos de três características fundamentais. Primeira, autonomia. Temos que ser capazes de nos mantermos por determinado período de tempo. Segunda, os sistemas organizam estoques e, com isso, além de gerarem uma memória, conectando-se ao seu passado, tornam-se capazes de prever possíveis futuros. Outra característica do sistema é sua composição. Tendo como base a quantidade de elementos que o formam, o sistema pode ser de baixa complexidade ou de grande complexidade e, nesse caso, com a possibilidade de agregação de subsistemas.

A complementariedade de informações que advêm de dois sistemas abertos, dois indivíduos, é a condição para se produzir algo novo. No *Twitter*, a troca de mensagens entre os usuários, não apenas dois, mas a totalidade dos presentes a determinados assuntos classificados pelas *#hashtags*, é a característica da rede na produção de novas mensagens, conteúdos, cognições. Além disto, a própria rede, também um sistema, gera outras potencialidades para a comunicação. Para *Stockinger*,

O ciberespaço, nomeadamente a internet ou rede como cossistema e ambiente de comunicação, aumenta as relações possíveis entre os elementos (mensagens), multiplicando-os e ampliando assim os graus de liberdade e opções alternativas, o que realimenta o conteúdo da própria comunicação. O sentido de uma mensagem, em comparação com uma mensagem verbal ligada à interação ou memória direta, sofre um alargamento imenso, em extensão e intensidade, mesmo dentro de um campo muito específico. (STOCKINGER, , 2001, pag. 107).

Por ser um sistema totalmente aberto, as conexões entre os presentes cria um ambiente de inter-relação capaz de aprofundar determinados laços e também de manter a complementariedade dos pensamentos dos diversos usuários.

Somos seres sociais e temos características de convivência coletiva. Produzimos informação para que possamos compartilhá-las com outras pessoas, aptas a receberem e se apropriarem desta mensagem. Criamos distinções fundamentais para que nossa comunicação seja relacionada aos mais diversos conteúdos presentes à rede. Temos condições necessárias para moldarmos as peculiaridades de nosso ser e produzirmos novas linhas de cognição e definições capazes de emancipar a troca de informação e de apropriação do conteúdo.

Estabelecemos laços comunicacionais com nossos semelhantes e criamos um ambiente propício para o surgimento de relações. Nos moldamos e nos alimentamos de conhecimento para evoluirmos e amadurecermos como cidadãos e seres ambivalentes. A nossa condição de protocidadão é que nos faz sermos cada vez mais usuários de um ambiente em constante modificação e potencial produtor de mensagens.

Mas o que é o saber? Não se trata apenas, é claro, do conhecimento científico – raro e limitado -, mas daquele que qualifica a espécie: *Homo Sapiens*. Cada vez que um ser humano organiza ou reorganiza sua relação consigo mesmo, com seus semelhantes, com as coisas, com os signos, com o cosmo, ele se envolve em uma atividade de conhecimento, de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De sinais de fumaça a *smartphones*, capazes de controlar à distância os mais diversos aparatos conectados à rede. Do telégrafo e seus quilômetros de fiação ao *Twitter* e seus milhões de usuários pendurados via *wireless*. Esta dissertação buscou abordar o momento tecnológico no qual o indivíduo do século XXI está vivendo. Retratar não a amplidão da internet, mas sim seu recorte, talvez o menor possível onde possa existir troca de informação. Além disso, tivemos como objetivo mostrar que este microespaço não vive apenas da troca de informações. Quisemos demonstrar como as pequenas informações podem ser transportadas a um sem número de usuários, conectados à rede, aptos a captarem as mensagens em qualquer lugar, tanto no tempo, quanto no espaço e, a partir delas, gerarem novas cognições, capazes de se fazerem não só relevantes, como também de produzirem conhecimento aos futuros receptores.

Fazer parte desta rede é característica da sociedade moderna em que estamos inseridos. Somos seres conectados e fazemos parte de uma sociedade em rede (CASTELLS, 2007), adepta dos avanços tecnológicos, para que possamos estar adaptados à evolução cada vez mais rápida do ambiente e também nos fazermos presentes nesta nova modalidade de criação de laços sociais.

Estarmos conectados ao ciberespaço: é a maneira do século XXI do indivíduo poder estreitar laços com pessoas das mais diferentes culturas. Buscamos criar relações por interesse, situações e grupos que nos façam parecer pertencer a um ambiente familiar. Esse novo indivíduo, criado pela rede, busca sua tribo (MAFESSOLI, 1998), na qual possa se reconhecer e ser capaz de viver uma vida diferente do que a realidade mostra.

Já inserido dentro da rede, o indivíduo passa a estreitar seus laços comunicacionais, trocando informações com seu grupo. O *Twitter*, ambiente estudado neste trabalho, demonstra como é possível construir um diálogo de alto

nível (SANTAELLA, 2000, p. XX) em um ambiente restrito em relação à quantidade de caracteres (ou será *bytes*?) disponíveis para a construção do raciocínio.

Reforçando esta característica de que menos é mais, buscamos mostrar relações de semelhança entre o *microblog* e manifestações poéticas que, com conteúdo reduzido, expõe ao máximo o significado da mensagem que se deseja transmitir. Recordamos *Bashô*, talvez o maior expoente da poesia *haikai*, que imprimiu na arte destes pequenos poemas, a característica de exprimir sensação e emoção em três pequenos versos de 5-7-5 sílabas.

*Num atalho da montanha
Sorrindo
uma violeta*

Para um *haiku*, mestre na arte do *haikai*, esses três versos transmitem toda e qualquer sensação que um artista queira expressar. Aqui no Brasil, vimos exemplos de nossos poetas concretos com os irmãos *Campos*. *Augusto de Campos* (2006) cita *Webern* e a característica de redução do uso da língua. Para o autor, *Webern* está

(...) interessado na palavra a partir do próprio fonema, orienta-se para uma forma poética aberta, embora a risco de esgotar-se no poema-minuto, frente aos percalços duma sintaxe ainda experimental. (CAMPOS, 2006, p. 51).

Pretendemos ainda mostrar as características de navegação do usuário no ciberespaço, suas formas de conexão, seus caminhos percorridos e suas impressões deixadas pela rede. Mostramos a busca desse navegador pelo centro do labirinto do ciberespaço (LEÃO, 1999), suas rotas direcionadas, para um bem maior: os objetos de conhecimento e conexões relevantes na rede, até chegarmos na colaboração, na inteligência coletiva dentro da rede. Pudemos ver uma encenação de *Shakespeare*, realizada numa Londres do século XXI via *Twitter*, ser transmitida em tempo real para todo o mundo. *Romeu e Julieta* conectados aos seus *gadgets* recriaram e traduziram (PLAZA, 1997) um clássico para a realidade de hoje.

Outras importantes manifestações da inteligência coletiva (LÉVY, 1998) foram tratadas nos casos do *@qotd*, de *Umair Haque*, pesquisador que, antes de finalizar seus textos, deixa o coletivo opinar, para então, juntos definirem o melhor encaminhamento para a elaboração de um artigo científico. Também o *TEDexAmazonia*, evento no coração da selva amazônica, cujas palestras foram acompanhadas em tempo real por todo o mundo, com a capacidade de propagar a ideia do *TEDex*, gerando novas cognições e manifestações por diversos usuários da rede.

Por fim, discutimos o processo de criação da informação, que resulta em aumento da certeza e diminuição da incerteza (WEAVER, 1975). O que é uma característica comum a um ambiente de rede social, quando um usuário se interessa pelo conteúdo disponibilizado por algumas de suas conexões, em detrimento a conhecimento / aprendizado. Conhecimento que, segundo *Morin*, “não é senão uma tradução, uma reconstrução” (MORIN, 1998, p. 6), ou uma nova “roupagem” para algo que se é apreendido, no nosso caso, dentro da rede; juntamente com a produção de algo novo, em conjunto, onde dois indivíduos são capazes de criarem algo mais do que a somatória de 1+1 e sim a geração de um terceiro ser, uma outra entidade capaz de produzir algo novo, próprio da característica do ser em rede.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. *Tecnologia na escola: criação de redes de conhecimentos*. Boletim Salto Para o Futuro: Informática na Educação. Brasília, MEC, SEED, 2001.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

_____ *Marxismo e Filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BENJAMIN, Walter. *A tarefa do tradutor*. Tradução de Fernando Camacho. Humboldt, Munique, F. Bruckmann, 1979.

BONILLA, Maria Helena Silveira. *Escola Aprendiz: para além da Sociedade da Informação*. Rio de Janeiro: Quartet, 2005.

CAMPOS, Augusto, PIGNATARI, Décio, CAMPOS, Haroldo de. *Teoria da Poesia Concreta*. 4ª ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2006.

CARVALHO, Paulo Roberto de. *Psicologia social e a questão do virtual: Pontuações temáticas na obra de Pierre Lévy*. Revista de Psicologia Social e Institucional. Paraná, vol1, n. 2, nov. 1999. Disponível em <<http://bit.ly/9tOxNy>>. Acesso em: 01Ago 2011.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. 10a ed. São Paulo: Paz e Terra. 2007.

CHOMSKY, Noam; PIAGET, Jean. *Teorias da Linguagem Teorias da Aprendizagem*. Lisboa: Edições 70, 1985.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Transdisciplinaridade*. São Paulo: Palas Atenas. 1997.

EPSTEIN, Isaac. *Teoria da informação*. São Paulo: Ática, 1986.

FENZEL, Norbert, HOFKIRCHNER, Wolfgang. *Emergence and Interaction of Natural Systems: The role of information, energy and matter in the perspective of a unified theory of information*. Grupo de Pesquisa Amazônia 21, Universidade Federal do Pará. Disponível em < <http://bit.ly/oJTS2O>>. Acesso em: 01Nov. 2010.

FLUSSER, Vilém. *O Mundo Codificado*. 1a ed. São Paulo: Cosac Naif. 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. 36ª ed. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

_____ *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

HOFF, Tania M. C. *O Texto Publicitário Como Suporte Pedagógico Para A Construção De Crítico*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Intercom, 2005.

IBRI, Ivo Assad. *Kósmos Noētós*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

KITTLER, Friedrich. "A Arqueologia da Mídia" in Leão, Lúcia (Org.) *O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Editora Senac. 2005, pp. 51-72.

LATOURE, Bruno. *Jamais Fomos Modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LEÃO, Lucia. *O Labirinto da Hipermissão*. São Paulo: Iluminuras. 1999.

_____ *O Chip e o Caleidoscópio: reflexões sobre as novas mídias*. São Paulo: Editora Senac. 2005.

_____ *Derivas. Cartografias do ciberespaço*. São Paulo: Anablume. 2004.

LEMINSKI, Paulo. *Matsuó Bashô: A lágrima do peixe*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEMOS, André. *@re_vira_volta: Uma experiência em Twitteratura*. Simplíssimo Livros, 2010.

_____ “Cibercultura como Território Recombinante” in Trivinho, Eugênio; Cazaloto, Edilson (org) *A Cibercultura e seu Espelho. Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009, pp. 38-46..

LEMOS, André, PALACIOS, Marcos. *Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cultura*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001.

LEMOS, Renata. *Qotd, por @umairh: a inteligência coletiva no Twitter*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 19, p. 226-239, jul. 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 2ª ed. São Paulo: Editora 34. 2000.

_____ *A Inteligência Coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola, 1998.

_____ *O que é Virtual?* 1ª ed. São Paulo: Editora 34. 1996.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

_____ *Perspectivas tribais ou a mudança do paradigma social*. Revista Famecos, Porto Alegre, n. 23, p. 23-29, abr. 2004.

MARTINS, F. M.; SILVA, J. M (Org.). *Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura*. 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003.

MATURANA, Humberto R., VARELA, Francisco G. *A Árvore do Conhecimento*. Campinas: Editorial Psy, 1995.

MCLUHAN, Marshall. *Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem*. 14ª ed. São Paulo: Cultrix. 2001.

MORIN, Edgar. *Complexidade e Liberdade*. Ensayos THOT, Associação Palas Atenas, São Paulo, n. 67, pp. 12-19. C.f. IECPS. Instituto de Estudos de Complexidade e Pensamento Sistémico. Disponível em: <<http://bit.ly/pJ2NP3>> Acesso em: 11/04/2011.

_____ *Da Necessidade de Um Pensamento Complexo*. Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura. Disponível em: <<http://bit.ly/quYMDN>>. Acesso em 20Mar 2010.

_____ *O Método 3. O Conhecimento do Conhecimento*. Porto Alegre: Sulina,1999.

_____ *O Método 4. As Idéias*. Porto Alegre: Sulina,1998.

_____ *O Pensar Complexo: Edgar Morin e a Crise da Modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond,1999.

_____ *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. Grupo de Pesquisa Amazônia 21, Universidade Federal do Pará. 2001. Disponível em <<http://bit.ly/r5Vnge>>. Acesso em: 01Nov. 2010.

NUNES, Roberson de Sousa. *Haikai: poesia e performance*. IV Reunião Científica de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas: UFMG, 2010.

PEIRCE, Charles S. *Semiótica*. 3a ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.

PENROSE, Roger. *O Grande, o Pequeno e a Mente Humana*. São Paulo: UNESP, 1998.

PIGNATARI, Décio. *Informação Linguagem Comunicação*. 16a ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

PLAZA, Julio. *Tradução Intersemiótica*. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community*. [S.l.], 1998. Disponível em: <<http://bit.ly/9OJ6YA>>. Acesso em: 05Jul. 2011.

_____ *Twitter Literacy. City Brights*. Disponível em: <<http://bit.ly/15bh7A>>. Acessado em: 06/11/2010
SANTAELLA, Lúcia. *Cultura das Mídias*. 3a ed. São Paulo: Experimento, 2000.

_____ *Navegar no Ciberespaço*. São Paulo: Paulus, 2004.

SHANNON, Claude E., WEAVER, Warren. *The Mathematical Theory of Communication*. Chicago : University of Illinois Press, 1975.

SILVA, Juremir Machado. *Para navegar no século XXI – Tecnologias do Imaginário e Cibercultura*: 3. ed. Porto Alegre: Sulinas/Edipucrs, 2003

STOCKINGER, Gottfried. “A interação em Ciberambientes e Sistemas Sociais” in Lemos André, Palacios, Marcos (Org). *Janelas do Ciberespaço: Comunicação e Cultura*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2001, pp. 105-125.

TRIVINHO, Eugênio; CAZELOTO, Edilson. *A Cibercultura e seu Espelho. Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. São Paulo: ABCiber; Instituto Itaú Cultural, 2009.

UHLMANN, Günter Wilhelm. *Teoria Geral dos Sistemas*. 2002. Disponível em <<http://bit.ly/j8ef9w>>. Acesso em 11Ago 2011.

VIEIRA, Jorge de Albuquerque. *Teoria do Conhecimento e Arte: Formas de Conhecimento: Arte e Ciência uma Visão a partir da Complexidade*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2009.

ZIELINSKI, Siegfried. *Arqueologia das Mídias*. 1ª ed. São Paulo: Annablume. 2006.